

# CARISMAS NA SAGRADA ESCRITURA E NA VIDA DA IGREJA

P. GUIDO EDGAR WENZEL, S. J.

---

## INTRODUÇÃO

Na linguagem popular e, principalmente, na gíria, existem palavras, expressões e gestos da moda. Têm, geralmente, uma existência meteórica... Coisa semelhante, se me é permitida a comparação, existe na linguagem teológico-religiosa da Igreja. Refiro-me ao caso particular da palavra *carisma*. Atualmente tudo é carisma. Todos usam a palavra nos mais diversos sentidos. Foi este o primeiro móvel que me impulsionou a fazer este estudo.

Uma segunda razão, mais objetiva e universal, é encontrada e explicitada numa passagem do cardeal Suenens ao prefaclar um livro (Y. Congar — H. Küng — D. O'Hanlon, Einsiedeln, 1964, p. 24): "Tem-se dito pouco sobre os carismas dos fiéis, o que poderia induzir a que sejam considerados como mero fenômeno periférico e acidental na vida da Igreja. É contudo importante ressaltar e esclarecer o valor essencial e simultaneamente acessível dos carismas para a edificação do Corpo Misti-

co. O que absolutamente deve ser evitado, é deixar que a estrutura hierárquica apareça revestida de aspecto autoritário e sem evidenciar uma estreita dependência dos dons carismáticos que o Espírito Santo espalha sobre toda a Igreja" (1).

Ao iniciar o estudo percebi que a tarefa não era fácil, pois havia discordância entre autores na conceituação do carisma. Para chegar a uma síntese, houve muita dificuldade. Isso, certamente, transparecerá nas páginas que seguem.

Para concretizar o estudo que me propus, procurarei, primeiro, definir o que seja carisma; em segundo lugar, apresentarei uma divisão e explicação dos diferentes carismas enumerados por Paulo. Será um estudo mais exegético do que teológico. Em terceiro lugar, investigarei a possibilidade ou o fato da existência de carismas na Igreja e se estes pertencem a sua essência. Finalmente dissertarei sobre a relação que existe entre carisma e hierarquia, a fim de ver se estas duas realidades se excluem ou se exigem mutuamente.

## 1. *Carismas na Escritura e exegese.*

### 1. *Definição de carisma*

Talvez fosse mais lógico partir do termo "carisma" e da análise exegética para chegar a uma definição mais ou menos completa de carisma. Por outra parte, porém, achei que essa definição poderia iluminar melhor o conteúdo do capítulo seguinte: "divisão e enumeração dos diferentes carismas". Antes, pois, de definir carisma mostrarei o que não é carisma.

#### 1.1. *O que não são carismas*

1.1.1. "O primeiro erro sobre os carismas seria pensar que constituem fenômenos extraordinários, miraculosos, sensacionais. O protótipo dos carismas seria então — juntamente com a expulsão de demônios, curas, "atos de força", milagres — a glossolalia (dom das línguas): o falar-se *englösse*, especialmente, *englössais* (1 Cor 12-14; At 10, 46; 19, 6; Mc 16, 17), graça concedida em êxtase pelo Espírito, em língua desconhecida e até a expressão por sons inarticulados (1 Cor 14, 6) para rezar ou cantar, louvar e dar graças (1 Cor 14, 15; cf. 5, 19; Col 3, 16)" (2).

Essa concepção errônea do carisma, talvez a mais difundida, é corroborada por verbetes de dicionários bíblicos. A mais clássica definição, neste sentido, encontra-se em Haag: "Carismas, em sentido es-

trito, são manifestações extraordinárias do Espírito Santo que são concedidos a membros particulares da Igreja para o bem dos outros e, principalmente, para a propagação da própria Igreja" (3).

Seria, no entanto, errado pensar que S. Paulo rejeita ou mantém atitude de reserva perante estes dons extraordinários. Acolhe com alegria todos os dons do Espírito. Recebeu, pessoalmente, em grau eminente, o dom das línguas (1 Cor 14, 18). Não obstante, acentua o *valor relativo* deste dom maravilhoso, pois sem o dom da interpretação, ele nada seria, não edificaria a comunidade, nem sequer daria fruto para o entendimento daquele que assim rezasse. Por isso deve subordinar-se à profecia; além do mais, deve ser utilizado, na comunidade eclesial, apenas dentro de certos limites (1 Cor 14), como se verá no final do seguinte capítulo (4).

1.1.2. "O segundo erro acerca dos carismas seria pensar que existe apenas uma *determinada espécie de carismas*, por exemplo, os que estão ligados a qualquer ordenação; não é em vão que o decreto "Lumen Gentium" (N.º 12) faz distinção consciente entre SACRAMENTA e CHARISMATA. Nesse caso, o único carisma autêntico do Espírito Santo seria aquele que aparece enfaticamente mencionado nas Pastorais, "o que está em ti pela imposição das minhas "mãos" (2 Tim 1, 6), "o qual te foi dado, em virtude duma revelação, pela imposição das mãos do presbítero" (1 Tim 4, 14). Os SA-

(1) KUNG, H., *Estrutura carismática da Igreja*, Concilium, N.º 4 (1965) pp. 31, nota 1.

(2) KUNG, H., a. c., p. 37.

(3) HAAG — V. D. BORN — S. de AU-SEJO: *Diccionario de la Biblia*, Barcelona, Editorial Herder, 1964, p. 281.

(4) Cf. KUNG, H.: a. c., p. 38.

CRAMENTALES só existiriam então de certa maneira; haveria, de certo modo, um carisma institucionalizado, em vez da abundância de um espírito multiforme, destinado às (multiformes) funções mais diversas" (5).

Que isto não seja exato, depreende-se do fato de que as cartas paulinas (1 Cor, Rom e Ef) que dão ao carisma o maior relevo, não mencionam a ordenação. S. Paulo refere-se a algo mais próximo de nós, do que seria essa espécie de sacramentalização ou uniformização do carisma e, consequentemente, da ação do Espírito. Evidencia, pelo contrário, a ação do Espírito e da graça de Deus, através da riqueza, plenitude, diversidade e superabundância: "Porque nele fostes enriquecidos em todas as coisas (...), de maneira que nada falta em graça alguma a vós (1 Cor 15, 7) (6); "mas vós vos avantajais em tudo" (2 Cor 8, 7); e "poderoso é Deus para cumular-vos com toda a espécie de graças, para que, tendo sempre e em todas as coisas o necessário, vos reste ainda muito para toda a espécie de boas obras" (2 Cor 9, 8) (7).

1.1.3. "O terceiro erro sobre os carismas seria julgar-se que estão limitados a um certo círculo de pessoas, de forma tal que existiria um determinado setor e uma determinada classe de carismáticos. Ora, isto não é assim, porque significaria que a infinita diversidade dos carismas estaria concentrada em algumas pessoas, como, por

exemplo, nos condutores da comunidade (presbíteros, bispos, presbíteros-bispos)" (8).

O Novo Testamento não permite limitar os carismas aos ministros. São Paulo dá uma resposta sobre a distribuição e ordem da "hierarquia". Enumerando com ênfase, diz: "Constituí Deus na Igreja primeiramente os apóstolos, em segundo lugar os profetas, em terceiro lugar os doutores, depois os que têm o dom dos milagres, o dom de curar, de socorrer, de governar, de falar diversas línguas. São todos apóstolos? São todos profetas? São todos doutores? Fazem todos milagres? Têm todos a graça de curar? Falam todos em diversas línguas? Interpretam todos? Aspirai aos dons que são os melhores" (1 Cor 12, 28-31).

1.1.4. Poderia mencionar um quarto erro que está intimamente conexo com uma visão meramente hierárquica, jurídica e institucional da Igreja. Para os que têm esta concepção de Igreja, os carismas não continuam a existir na Igreja de hoje. Para eles os carismas só existiram nos primeiros séculos do cristianismo uma vez que o pequeno número de cristãos e as perseguições e perigos fortaleciam a vida interior da Igreja. "Os carismas possuíam, sobretudo (...), uma extraordinária força de atração sobre os de fora, que viam neles a prova evidente da divindade do cristianismo. Os carismas, sem dúvida, não pertencem à essência da Igreja. Esta não é, em primeiro lugar, carismática, mas sim institucional, quer dizer, edificada sobre os apóstolos e sua

(5) KÜNG, H., a. c. p. 39.

(6) Cf. KÜNG, H., a. c., p. 39: Esta citação não está correta. 1 Cor 15, 7 não corresponde ao texto indicado. É um erro de caixa?

(7) Cf. KÜNG, H., a. c., p. 39.

(8) KÜNG, H., a. c., p. 41.

autoridade. Por isso Paulo coloca a caridade acima dos carismas (1 Cor 13, 13) e intervém com autoridade apostólica na questão que os carismas suscitaram (1 Cor 12, 3; 14, 26-39)" (9).

Mas, se se focar a Igreja como "povo de Deus" (L. G. N.º 9), se a Igreja não está apenas fundada sobre os apóstolos mas também nos profetas (pois pelo sacerdócio comum os fiéis participam do *múnus* profético), então se deve aceitar a existência de carismas na Igreja do século XX. Mas poderia perguntar-se se o próprio apóstolo já não era um carismático. Então esta distinção, que alguns costumam fazer, também perderia seu sentido, pois o apóstolado também seria um carisma.

Que continuam existindo carismas se torna mais claro ainda se se crê realmente na assistência do Espírito. O Espírito é livre, pois "sopra onde quer". Não está escravizado e obrigado a inspirar apenas a hierarquia. Se a Igreja se renova, se volta continuamente aos princípios evangélicos esquecidos, esta renovação geralmente parte das bases, do povo de Deus... , o que é um sinal evidente da atuação do Espírito, portanto, da presença de carismas.

## 1.2. O que é carisma

Definir carisma é uma tarefa difícil, para não dizer impossível. Isto porque o hagiógrafo que mais escreveu sobre carisma não o de-

finiu, e empregou o termo com muitas nuances. Apenas enumerou e descreveu esta realidade. "Paulo não teoriza, mas testemunha as realidades que vê, por toda a parte, nas comunidades, porque a *kainé diathéke* (cf. 2 Cor 3, 6) e, com ela, depois da ascensão de Cristo (cf. At 2, 32 s; Jo 7, 37 ss; Ef 4, 7 s), o *pneuma* são acontecimentos reais. Por toda a parte Paulo constata que, embora diversos e distintos, têm, contudo, muito em comum. Ele os descreve mais do que os define, porque para ele é mais importante descrever o conjunto dos fenômenos que testemunha do que estabelecer importantes diversidades objetivas e distinções racionais. Esta preocupação de dar uma visão panorâmica de um conjunto compelido deve ser posta em relevo, se queremos tratar desses fatos conforme a linha de São Paulo, pois constituiu a característica de seu esforço reflexivo" (10). Por isso todas as definições e descrições que a seguir forem apresentadas são parciais ou/e incompletas.

Uma primeira definição de carisma poderia ser aquela de Koch: "Entende-se por carisma (geralmente no plural) um dom sobrenatural e transitório que é concedido para a edificação do corpo de Cristo e é atribuído ao Espírito Santo" (11). Aqui já se poderia discutir se é essencial ao carisma que este seja transitório. Paulo exerceu o carisma do apóstolado até que a espada do martírio fez rolar sua cabeça...

(9) HAAG, Dicionário de la Bíblia, Editorial Herder, Barcelona, 1964, p. 282.  
(10) SCHÜRMAN, H.: Os dons Espirituais, In: BARAUNA, Frei Guilherme, A Igreja do Vaticano II, Editora Vozes,

Petrópolis, 1965, p. 598.  
(11) KOCH, R.: Carisma, In: BAUER, J. B., Dicionário de Teologia Bíblica, Barcelona, Editorial Herder, 1967, p. 165.

Outra definição seria: "Carisma (no grego (12) significa mercê, dom gracioso) a) no Novo Testamento, designa a salvação gratuita ou indevida, em geral; b) no Antigo Testamento e na atual terminologia (13), designa, quando se emprega no plural, os efeitos do Espírito de Deus no crente singular, que nunca podem ser exigidos pelo homem nem podem ser previstos pelos órgãos oficiais da Igreja, nem podem ser alcançados pela recepção dos sacramentos" (14). Mas deve-se notar que os carismas particulares, outorgados a pessoas determinadas, estão em conexão com certas funções oficiais (Estêvão, Filipe, Barnabé).

Embora toda a graça seja um dom gratuito, os escolásticos, ao contrário da teologia atual, costumavam chamar o carisma de "gra-

tia gratis data", porque em si não é santificante e se encontra ou é concedida independentemente do mérito individual. Além disso, pode-se defender a tese de que ela não seja necessária para a salvação do indivíduo. Neste sentido pode-se concordar com Prat, de que os carismas são uma espécie de "luxo sobrenatural" (15).

Finalmente, "o carisma pode atuar num indivíduo rude (ignorante) como pode enxertar-se sobre uma aptidão natural. Mas ninguém o poderá atrair ou reter sem a permissão do Espírito Santo. Alguém pode subtrair-se, não o repelindo, mas fugindo às obrigações que impõe (como tentou Jonas). Embora passageiro, mas podendo renovar-se, o carisma goza de uma certa duração e, de certa forma, duma fixidez, em vir-

(12) "Fora dos escritos de S. Paulo encontramos a palavra "carisma" uma só vez: em 1 Ped 4, 10. A palavra *chárisma* aparece 16 vezes em suas cartas. Sete vezes com o sentido técnico que iremos estudar; nas outras vezes pode-se tomá-la como sinônimo de graça: a graça da redenção, a graça sacramental da ordem ou a graça de estado que é fruto deste sacramento, enfim, um dom espiritual diferente do carisma. No sentido técnico o carisma é um dom gratuito, sobrenatural e passageiro concedido, antes, em benefício da comunidade do que do indivíduo, embora este possa tirar dela proveito para si mesmo pelo bom uso que faça desta graça". LECLERQ, H.: *Charismes*, In: CABROL, F. & LECLERQ, H., *Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne et de Liturgie*, III, Paris, 1913, coluna 581.

(13) Während im N. T. *chárisma* auch das ungeschuldet Heil überhaupt (Rom 6, 23) u. auch eine durch ein Sakrament vermittelte Begnadung und Amtbegabung bedeuten kann (2 Tim 1, 6), besagt das Wort im heutigen theol. Sprachgebrauch (So wie im Plural auch im N. T.) eine auf das Heil in Christo abzielende, nicht durch Sakramente institutionell vermittelte vom Menschen her nicht erzwingbare Einwirkung des Geistes Gottes auf den Glaubenden. Das *Charisma* dient durch die Heiligung des Empfängers hindurch (der seinsollende Normalfall) oder

an ihr vorbel (womit auch gerechnet werden muss; Mt 7, 22 f. usw.) zur Auferbauung des "Leibes Christi", der Kirche, und erweist sich, sei es im einzelnen Phänomen (durch den ihm selbst anhaftenden Charakter des Wunders) sei es im ganzen durch die wunderbare Fülle, siegreiche Lebendigkeit und durch dauernd neues Erscheinen (Vgl D 1794), als über menschliche Kraft hinaus durch den Geist Gottes gewirkt und legt so auch Zeugnis für den göttl. Ursprung des Christentums u. der Kirche ab gegen die "Welt" u. die in ihr herrschenden "Mächte u. Gewalten", deren Angriff auf die Kirche nur durch die "charismatische Kraft" ihres Geistes abgewehrt werden kann". GEWIESS, J.: *Charisma*, In: L. Th. K., volume II, Herder, Freiburg, 1958, coluna 1025.

(14) RAHNER, K. — VORGRIMMER, H.: *Diccionario Teológico* (Sección de Teología y Filosofía — 104), Editorial Herder, Barcelona, 1966, p. 86.

(15) "Os carismas eram uma espécie de luxo na ordem sobrenatural e podiam desaparecer um dia, sem privar a comunidade cristã de algum órgão indispensável" PRAT, F., *La Théologie de Saint Paul*, in — 8.º, Paris, 1908, t. I, p. 174, citado por LECLERQ, H., o. c., coluna 581. Mais adiante se verá que os carismas, por pertencerem à essência da Igreja não constituem nenhum luxo sobrenatural...

tude da qual o homem portador de um carisma recebe (e conserva) o título da função que exerce. Se os carismas são concedidos em vista da utilidade geral, não apresentam, porém, igual grau de utilidade, formando entre si uma graduação, e formam uma hierarquia entre os que estão investidos pelos carismas" (16).

### 1.3. *Conseqüências da definição de carisma (17)*

a) O carisma supõe uma graça ou dom que procede da *châris* (graça), do favor, da mercê, da misericórdia de Deus. Deus reparte livremente (1 Cor 12, 11) estes "dons", "ministérios" ou "operações" (1 Cor 12, 4-6); têm, porém, em conta as necessidades do momento da Igreja e a disposição e capacidade de cada qual. Ninguém nega que as necessidades da Igreja de hoje são completamente diferentes das necessidades da Igreja primitiva. Por isso não existem certos carismas que então eram muito evidentes. Por exemplo, o carisma de *doutor*.

b) Estes dons têm caráter de utilidade comum, quer dizer, se concedem primeiramente "para a utilidade geral" (1 Cor 12, 7), não

para o progresso espiritual do carismático. E aqui volto ao que acabou de ser visto na página anterior. A escolástica fala de uma "gratia gratis data", para diferenciá-la da "gratia gratum faciens". Os carismas se manifestam nos mais variados "ofícios" ou "ministérios" que Deus suscita e dirige para a edificação e crescimento da Igreja (18), para a guarda da unidade da fé e da pureza da doutrina (cf. Ef 4, 7-16), como é o caso muito patente do carisma da infalibilidade.

c) São atribuídos ao Espírito Santo, que foi comunicado aos discípulos depois da ressurreição e ascensão de Cristo. Na vida de Jesus já ocorrem operações extraordinárias do Espírito, de caráter isolado, mas não se lhes dá o nome de carismas, mas de "sinais" (*semeia*) ou milagres (Mt 17, 19; Mc 16, 17s; Lc 21, 15).

## 2. *Divisão dos carismas e sua explicação*

### 2.1. *Antigo Testamento*

Já no A. T. a presença do Espírito de Deus se manifestava nos homens aos quais inspirava através de dons extraordinários (19),

(16) LECLERCQ, H.: o. c., p. 581.

(17) Neste parágrafo inspirei-me no verbete: carisma de R. KOCH, publicado por BAUER, J. B., *Dicionário de Teologia Bíblica*, Barcelona, Herder, 1967, p.

(18) "Por elas (graças especiais) os torna aptos e prontos a tomarem sobre si os vários trabalhos e ofícios, que contribuem para renovação e maior incremento da Igreja..." (Lumen Gentium, N.º 12).

(19) "No A. T., e isto repercute inclusive no N. T., reconhecia-se como "dons espirituais" apenas as manifestações extraordinárias do Espírito. Pode-se ver isto em Lc 10, 17-20; Mt 7, 22 ss; Mc 16, 17-18. Esta concepção repercute a seu modo na carta

aos Coríntios; cf. 1 Cor 12, 8-10. Ora, Paulo, a partir da experiência de Damasco, transformado em doutos e apóstolos, não podia mais conservar apenas esta concepção. Impunha-se-lhe, bem como a seu apostolado, aceitar também outras funções ministeriais permanentes (cf. 12, 28-29; Rom 12, 7 s; Ef 4, 11) como manifestações e operações do Espírito. Deste ponto de partida, torna-se compreensível porque Paulo é obrigado a entender as duas espécies de fenômenos — os "funcionais" e os "carismáticos" como coisas inseparáveis, que deve unir e relacionar sob a mesma denominação comum. Distinguir entre ministérios "carismáticos" e "não-caris-

que iam desde a clarividência profética (1 Reis 22, 28) até os arroubamentos (Ez 3, 12) e raptos misteriosos (1 Reis 18, 12). Numa ordem mais geral, Isaías relacionava também com o Espírito os dons prometidos ao Messias (Is 11, 2) e Ezequiel, os relaciona com a transformação dos corações humanos (Ez 36, 26 ss); mas Joel, por sua vez, anunciava a universalidade de sua efusão sobre os homens (Joel 3, 1-5; cf. At 2, 17-21). Deve-se, pois, ter presente estas promessas escatológicas, a fim de compreender a experiência dos dons do Espírito na Igreja primitiva que, com efeito, são a realização dessas promessas. Em confirmação disso, pode-se mencionar o discurso de Pedro na manhã de Pentecostes, em que explica o fenômeno que causava estupefação e admiração a todos quantos tinham acorrido para ouvir falar os apóstolos. E Pedro acaba citando toda a passagem de Joel, relativa à efusão do Espírito sobre todos os homens (At 2, 17-21), a fim de convencer os ouvintes que aquilo que estavam presenciando, não era algo totalmente novo, mas já tinha sido anunciado pelos profetas (19a).

## 2.2. Ato dos Apóstolos

Nos Ato dos Apóstolos manifesta-se, pois, o Espírito, no dia de Pentecostes, quando os apóstolos proclamam, em todas as línguas,

máticos" é para Paulo algo de ineqüívulo; também os ministérios "funcionais" ele os considera carismáticos". SCHURMANN, H., a. c., p. 606.

(19a) Sobre o carisma profético do A. T. ver NEHER, A., *La esencia del profetismo*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1975, p. 303; SCHMID, H.

as maravilhas de Deus (At 2, 4.8-11), conforme tinha sido anunciado pelos profetas (At 2, 15-21). É o sinal de que Cristo, exaltado pela destra do Pai, recebeu de seu Pai o Espírito prometido, derramando-o sobre os homens (At 2, 33). Na seqüência dos acontecimentos, a presença do Espírito mostra-se de diferentes maneiras: pela repetição dos sinais de pentecostes (At 4, 31; 10, 44 ss), particularmente, *depois do batismo* e da *imposição das mãos* (At 8, 17 s; 19, 6); pela ação dos *profetas* (11, 27 s; 15, 32; 21, 10 s) dos *doutores* (13, 1 s), dos *anunciadores do evangelho* (6, 8 ss); pelos *milagres* (6, 8; 8, 5 ss) e *visões* (7, 25). Estes carismas particulares são outorgados primeiramente aos apóstolos; encontram-se também entre pessoas que os rodeiam, e/ou que exercem certas funções oficiais. Mas estes dons são sempre destinados para o bem da comunidade que cresce sob o influxo do Espírito Santo, nunca em benefício daquele que é o depositário de um dom.

## 2.3. Em São Paulo (20)

### 2.3.1. Antecedentes da pergunta dos coríntios

"Na aurora do cristianismo, depois do dia de pentecostes, a experiência do Espírito de Jesus, exaltado à direita de Deus Pai, enviou com todas as suas opera-

H., *Ekstatische und charismatische Geistwirkungen im Alten Testament*, in: HEITMANN, C. & MÜHLEN, H. (Ed.), *Erfahrung und Theologie des Heiligen Geistes*, Kösel-Verlag, München, 1974, pp. 83-100.

(20) Com este breve estudo inicial não quero dizer que nos evangelhos não se fale de carismas. Mc 16, 17 s, por exemplo, sem falar de carismas, enu-

ções maravilhosas, era um milagre permanente, um dos grandes motivos de credibilidade para conquistar judeus e pagãos. No evangelho de Marcos (16, 17 s) Cristo anuncia "sinais" (*semeia*) que acompanharão a fé; este período de "carismas" dura mais ou menos até o século III (21). E S. Irineu (Adv. Haer. II, XXIV, 4; V, VI, 11) foi um de seus últimos testemunhos. Esta conduta da Providência respondia às necessidades do mundo de então, cuja elite religiosa não era tão racionalista, mas procurava Deus com uma paixão mal esclarecida. Unicamente era necessário que os sinais do verdadeiro espírito de Deus não fossem confundidos com as fantasias e as contorsões visionárias dos pagãos" (22).

Mais adiante Allo continua: "No mundo religioso grego, como se vê em Platão (Fedro e Timeu), o mais elevado grau de consciência religiosa confundia-se com a inconsciência do êxtase, o arbitrário, a *mania*, a quase demência. Este pretense dom divino não tinha utilidade a não ser para o indivíduo beneficiário; os "profetas" de Apolo trabalhavam na melhoria dos outros (dons) (...). A mântica dos oráculos não possuía a dimensão universal e comprazia-se na obscuridade e na extra-

vagância. Mas toda esta "mística" se apoderava violentamente do homem, dos sentidos do homem. Muitos convertidos de Corinto pareciam tê-la (a mística) conhecido pelos antigos iniciados dos mistérios; e (a massa) guardava por ela um certo gosto, alguma estima inconsciente (23).

Paulo via com inquietude a manifestação deste estado de espírito nas reuniões cristãs, principalmente em Corinto, pois "os coríntios não se reuniam apenas para a "cela do Senhor"; nas reuniões de edificação que não coincidiam, necessariamente, com a liturgia eucarística, eles se entregavam às manifestações do "Espírito" (24).

O fato, por si mesmo, não preocupava Paulo, porque conhecia, pessoalmente, por experiência e, no mais alto grau, os dons extraordinários da inspiração, "fenômenos místicos", conforme linguagem moderna, êxtases, etc. e as "gratiae gratis datae", tais como o poder de milagres, glossolalia... (25).

Mas o que preocupava Paulo eram as circunstâncias em que surgiram as dificuldades e problemas dos coríntios. Além do mais, "Paulo, agastado com sua ignorância, recorda-lhes sempre o tempo em que eram pagãos; esta lembrança, esta recordação, certamen-

mera alguns deles. No Parágrafo 2.2 (deste trabalho) ficou implícito o que explicitel aqui: ocorrem carismas nas Igrejas de Jerusalém At 2, 4; de Samaria At 18, 18; de Efeso At 19, 6; de Roma At 12, 6; da Galácia Gál 3, 5; de Corinto 1 Cor 12-14. Além das obras que são citadas, a seguir, para o estudo exegetico dos carismas, em geral, e em São Paulo, em particular, menciono também: CERFAUX, J., *Le Chrétien dans la théologie Paulinienne* (Lectio Divina — 33) Editions du Cerf, Paris, 1962, pp. 219-239.

(21) Quem quiser uma informação rápida sobre carismas nos primeiros séculos da Igreja, encontra uma síntese em H. LECLERCQ, o. c., columnas 596 — 598.

Didaqué (p. 590-592); S. Clemente de Roma (p. 592-593); Hermas (p. 593); Fim do século II (p. 593-595); decadência (p. 595-596); Montanismo (p. 596-597).

(22) ALLO, P. E. — E.: *Saint Paul PREMIERE EPITRE AUX CORINTHIENS*, Paris, 1956 (2), p. 317.

(23) Idem, p. 317-318.

(24) Idem, p. 317.

(25) Cf. Allo, o. c., p. 318.

te, os desgostava, mas o apóstolo quer insinuar que eles ainda são bem pagãos em certos modos (de ser) (Cf. 1 Cor 6, 14 ss). Que, pois, lhes sucedia no período em que estavam na ignorância? Nos cultos idolátricos (26) deixavam arrastar-se para cá e para lá, deixavam iludir-e por impulsos obscuros e imperiosos que os faziam cometer extravagâncias sob pretexto de religião. Conhecemos bastante este tipo de fenômenos; na cosmopolita Corinto floresciam, desde o século I, alguns mistérios greco-orientais e uma boa parte de convertidos que provinham, principalmente, dos círculos mais preocupados de religião, compunha-se de antigos iniciados. Muitas de suas desordens explicam-se por estes antecedentes” (27).

“Para salvar da ilusão seus filhos de Corinto, Paulo vai expor-lhes, em viva luz, algumas verdades que são, ao mesmo tempo, regras de conduta” (28). Essas verdades e essas regras de conduta se referem aos dons espirituais. Respondendo diretamente às dificuldades formuladas pelos Coríntios, trata, tematicamente, dos fenômenos a respeito dos quais os cristãos de Corinto o interrogam (1 Cor 12. 14).

“Procura valer-se de quatro designações diferentes (...). Para Paulo, as quatro denominações designam, sem dúvida alguma, o mesmo fenômeno. Ao introduzir o assunto, chama-os com evidente ênfase especial (1 Cor 12, 1) de “dons espirituais” (*pneumatiká*): “E sobre os dons espirituais, não quero, irmãos, que estejais na ignorância”. A seguir (12, 4), tenta com outros termos (...) designar o conteúdo interno destes “dons espirituais”: “Há, pois, diversidade de dons (*charismata*), porém um mesmo é o Espírito. Há diversidade de ministérios (*diakoniai*), porém um mesmo é o Senhor. Há diversidade de operações (*energuémata*), porém um mesmo é Deus que opera todas as coisas em todos” (cf. 1 Cor 10, 3 s; 15, 44. 46; Rom 7, 14; 15, 27; Ef 1, 3; 1 Ped 2, 5; especialmente a respeito dos cantos espirituais”: Col 3, 16; Ef 5, 19; 1 Ped 2, 5)” (29).

Atentando para as quatro denominações de Paulo, percebe-se facilmente que os *acontecimentos* da comunidade de Corinto possuem uma unidade. Analisarei, a seguir, cada uma destas denominações.

a) Em 1 Cor 12, 1 e 1 Cor 14, 1, Paulo os designa de *dons espirituais* (*pneumatiká*) (30). “Personifican-

(26) “Julgamos (cf. 1 Cor 12, 2) portanto, seguindo a linha de Crisóstomo que o Apóstolo recorda aos seus leitores, para sua vergonha, os fenômenos patológicos ou satânicos que muitos dentre eles experimentaram outrora nos cultos secretos e místicos; diz-lhes (Sickenberger): “Suportáveis isto quando éreis pagãos; agora é necessário saber usar alguma crítica”. ALLO, P. E. — B., o. c., p. 321.

(27) ALLO, P. E. — B., o. c., p. 320 (B. 2). Para conhecer um pouco mais profundamente as observações de Paulo com respeito aos precedentes pagãos dos Coríntios e sua problemática em torno dos carismas, recomenda-se: HOLZNER, F.: Paulo de Tarso, tra-

dução de M. H. Osswald, Editorial Aster, Lisboa, 1958, pp. 258-264. 265-273.

(28) ALLO, P. E. — B., o. c., p. 318.

(29) SCHÜRMAN, H., a. c., p. 598.

(30) Não sei que fundamento tem KUNG ao fazer a observação sobre o emprego das palavras *charismata* e *pneumatiká*: “São Paulo não só dá um valor relativo aos carismas sensoriais, como a glossolalia, mas critica até os *pneumatiká* miraculosos do helenismo, esses poderes do êxtase e do milagre: não é sem propósito determinado que quase sempre emprega o termo *charisma*, em vez dessa outra expressão helenística, largamente divulgada. Quando a utiliza (1 Cor 12, 1; 14, 1), dá-

do, pode, em 1 Cor 14, 12. 32, denominá-los de modo abreviado: "espíritos" (*pneumata*). Porque se trata de "manifestações do Espírito" são abertamente assim chamados (1 Cor 12, 7). Esta designação, também empregada em outras passagens, em sentido mais amplo, poderá ser aplicada em sentido específico, para designar as manifestações exteriormente perceptíveis como "pneumáticas", especialmente aquelas que se citam em 1 Cor, 12, 8 ss e também em 14, 6. 26, onde a designação do "pneumático" facilmente podia entrar em conexão com o sentido doutrinário (cf. 1 Cor 2, 13; 9, 11; Rom 1, 11). Por *pneumatikós* Paulo entende claramente alguém a quem foi dada uma compreensão espiritual acentuada: todos os cristãos (1 Cor 2, 13. 15; 3, 1; Gál 6, 1) ou "espirituais" e em sentido restrito (1 Cor 14, 37). Mas esta designação, que em 1 Cor 12, 1 e 14, 1 aparece simultaneamente como "título" e em sentido lato, se torna clara em 1 Cor 12, 28; inclui também os "apóstolos", os doutores (*didaché*), os "dons da assistência" (*antilémpeis*) e os "dons de governar" (*kybernéseis*) (31).

b) "*Operações (energuémata)*", é a designação de algumas manifestações do Espírito, "porque neles Deus "opera" de maneira poderosa, pois é "Deus quem opera em vós" (*hó energón*)... (Fil 2, 13; cf. Gál 2, 8; Ef 1, 11. 20) é a sua *dynamis* (Ef 3, 7. 20; Col 1, 29; cf. Mc 3, 14 e Mt 14, 2), o seu *pneuma* (1 Cor 12, 11), e também a "palavra

de Deus" (1 Tess 2, 13). O mesmo em 1 Ped 4, 11: "Se alguém exerce um ministério, seja pelo *poder* que Deus outorga". Visto que em Gál 3, 5 também se fala em "operar", em ações poderosas (*dýnáméis*) justamente atribuídas a "forças operacionais" (*energuémata*) (1 Cor 12, 10), surge a hipótese de que também aqui um termo, originariamente empregado em sentido específico, tenha sido alargado por Paulo para indicar todo o complexo dos fenômenos citados. Dificilmente atribuiria, em 1 Cor 12, 6, apenas uma parte dos dons espirituais ao "Deus que opera todas as coisas em todos", porque em 1 Cor 12, 11 reconhece nos mencionados dons espirituais o *energuen* do *pneuma* e também porque, em outros lugares, utiliza estes mesmos termos para designar, especialmente, a operação de Deus, através do Apóstolo (cf. Gál 2, 8; Ef 3, 7; Col 1, 29)" (32).

c) "*Por ministérios (diakoniat)*", entende Paulo em especial os serviços que realizam tarefas bem determinadas (cf. Rom 15, 31; 2 Cor 9, 12 s; 11, 8) e *permanentes* como se vê claramente em Rom 12, 7; Ef 4, 11, sendo que em Rom 12, 7 o conceito parece estender-se de modo especial a "ministérios" que não sejam dons proféticos. De modo semelhante, o *diakonein* (1 Ped 4, 11) se estende, em especial, a todas aquelas funções que não têm por objetivo o *lalein*. Este radical é de uso freqüente para designar o ministério, quer o dos apóstolos (por ex., 2 Cor 6, 8. 9;

lhes características cristãs. Também os demônios, ídolos mudos, podem arrastar com o seu poder os seres humanos (12, 2). Mesmo fora da Igreja podem acontecer prodígios e

milagres, realizados pelo Anticristo". KÜNG, H., a. c., p. 38.

(31) SCHÜRMAN, H., a. c., p. 599.

(32) Idem, p. 599-600.

4, 1; Rom 11, 13), quer o dos auxiliares dos apóstolos (por ex., 1 Tess 3, 2; Tim 4, 5) — especialmente os “diáconos” (Fl 1, 1; 1 Tim 3, 8-12) — quer outras funções comunitárias (por ex., Rom 16, 1; 1 Cor 16, 15; Col 4, 17). Mas visto que com todos os “dons espirituais” se pode prestar auxílio mútuo (cf. 1 Ped 4, 10), visto que, segundo o contexto, todos têm uma função destinada à “edificação” (1 Cor 14, 3. 5) e à “utilidade”, Paulo chama ao todo complexo dos mencionados fenômenos de ministérios — mas em sentido lato. O caráter ministerial é-lhes igualmente próprio a todos” (33).

d) “Com muita freqüência e independentemente de um determinado contexto, Paulo chamá de “dons espirituais” ao que pretende testemunhar como realidade nas comunidades (*charismata*); assim, em 1 Cor 12, 4. 31 como também em 1 Cor 1, 7 e mais adiante, em Rom 12, 6; cf. 1 Ped 4, 10. São denominados assim, porque são manifestações de uma *châris doñetsa* (1 Cor 1, 4; Rom 12, 6), de sorte que em Ef 4, 7 também já pode aparecer a própria designação de *châris* para aquilo que em Ef 4, 8 se denomina em sentido figurado *dómata*. Esta designação lhe foi atribuída em vista de seu caráter de “dom espiritual”. Encontrada também em sentido lato para designar os dons divinos quer no A. T. (Rom 11, 29), quer especialmente no N. T. (cf. 1 Cor 7, 7; 2 Cor 1, 11; Rom 1, 11; 5, 15 s; 6, 23), pode também ser aplicada, em sentido específico para designar os fenômenos

que se revelassem por “*gratiae gratis datae*”, como no caso dos dons espirituais da cura (*chârisma iamáton*) 1 Cor 12, 9. 28. 30. De 1 Cor 12, 4 (cf. Rom 12, 6; cf. tb. 1 Ped 4, 10) a 1 Cor 12, 31 Paulo elabora uma síntese tão perfeita que lhe permite atribuir esta designação a todos os fenômenos mencionados” (34).

Paulo, portanto, estende as quatro denominações tradicionais a um complexo de fenômenos da comunidade. Deste modo põe em evidência o que há de comum nesses diversos fenômenos, descrevendo-os de quatro maneiras diferentes. “Trata-se de fenômenos que são “espirituais” (pneumáticos) do ponto de vista da origem e da manifestação. Neles se efetua, em conjunto, a operação todopoderosa de Deus. Prestam “serviços” na edificação da comunidade. E são todos eles grandes “dons espirituais” de Deus” (35). Através das quatro realidades, Paulo descobre uma origem comum e uma finalidade comum, como se verá a seguir.

### 2.3.2. *Divisão dos capítulos 12-14 da primeira carta aos coríntios* (36).

a) Paulo enuncia os princípios relativos à questão dos carismas: sua subordinação ao bem comum da Igreja e sua inferioridade em relação àquilo que é melhor (1 Cor 12).

b) Este melhor (e a única coisa necessária que nunca terminará) é a caridade (1 Cor 13).

(33) SCHURMANN, H., a. c., p. 600.

(34) Idem, p. 600-601.

(35) Idem, p. 602.

(36) FEUILLET, A.: Les épîtres aux Corinthiens, In: Dictionnaire de la Bible, Supplement VII, Letouzey & Ané, Paris, 1966, pp. 180-181.

c) Finalmente Paulo dá uma instrução bem longa sobre os dois carismas particulares dos quais os coríntios mais gostavam: a profecia e a glossolalia. Finalmente, regulamenta o uso dos carismas, em geral (1 Cor 14) (37).

### 2.3.3. *Lista dos carismas*

Embora acentue neste estudo o conteúdo da primeira carta aos coríntios no que diz respeito aos carismas, procurarei, na apresentação das listas, não deter-me apenas nas duas enumerações de 1 Cor 12. Mencionarei também as listas encontráveis nas cartas aos Romanos e aos Efésios.

"No rol da enumeração de dons espirituais destacam-se séries estereotipadas, que devem ser levadas em consideração. Nestas listas se pronuncia claramente um juízo de valor, que, é claro, só pode ser apurado com cuidado, uma vez que importa muito ter sempre, diante dos olhos, várias diferenças, a saber: entre situação missionária e comunitária; entre comunidades

recém-fundadas e consolidadas; entre comunidades tradicionais e de exceção (como a de Corinto); enfim, entre a Igreja apostólica e pós-apostólica" (38).

Seguirá a enumeração das quatro principais listas de dons espirituais, em ordem cronológica, que encontrei nas cartas de Paulo. Não me pareceu necessário tomar em conta as observações todas de Schürmann num de seus artigos (39).

1) *1 Cor 12, 8-10.*

a) Palavra da sabedoria; b) Palavra da ciência; c) Fé (dos milagres); d) Graças de curar doenças; e) Dom dos milagres; f) Profecia; g) Discernimento dos espíritos; h) Variedade de línguas; i) Interpretação de línguas (40).

2) *1 Cor 12, 28-30.*

a) Apóstolos; b) Profetas; c) Doutores; d) Milagres; e) Dom de curar; f) Dom de socorrer; g) Dom de governar; h) Dom de falar diversas línguas (glossolalia) (41).

3) *Rom 12, 6-8.*

a) Dom da profecia; b) Dom da diaconia ou do ministério; c) Dom de ensinar; d) Exortador; e) Dis-

(37) ALLO, P. E. — B., o. c., p. 319.

(38) SCHÜRMAN, H., a. c., p. 608-609.

(39) "Nas listas deparamos com uma incongruência: em 1 Tess 5, 12 indicam-se portadores de dons e funções, ao passo que em 5, 19-22 aparecem simplesmente dons; em 1 Cor 12, 8-10 (bem como em 1 Cor 13, 1-3, 8; 14, 6; 9, 26) enumeram-se os dons tais como em 1 Cor 12, 28b-30, enquanto que em 1 Cor 12, 28a, 29a precedem pessoas com dons espirituais. Em Rom 12, 7b-8 (cf. também Fl 1, 1; Ef 4, 11; 1 Ped 4, 11) mencionam-se pessoas portadoras de dons espirituais; muito embora em Rom 12, 6-7a apareçam agrupados, numa introdução geral, os dons como tais. Essas seqüências várias e desencontradas, existentes nas listas, têm certamente sua razão de ser no seguinte: há dons espirituais que marcam o seu portador de maneira caracteristicamente existencial ou com funções mais permanentes. Por outro lado podem, porém, ser outorgados como dons transitórios a este

ou aquele, e também aparecer, em conjunto, em pessoas diferentes. Há, pois que evitar, por um lado, que aos grupos de pessoas mencionadas nas listas neotestamentárias se seguem outros dons espirituais; por outro lado, evite-se ceder à tentação de ver em cada dom um ofício ou uma função permanente, e, assim, um portador pessoal definitivo. Eis o que é necessário ter presente, quando, a seguir, procuramos apurar das listas as avallações da teologia apostólica. As listas coordenadas de maneira sinótica, oferecem o seguinte" (que o autor dá). Schürmann, H., a. c., p. 609.

(40) LECLERCQ, H., a. c., p. 582. Faça questão de transcrever a nota 11 desta página: "Nous empruntons classement et termes au Prat, F. (o. c. (La théologie de S. Paul, in — 8.º, Paris, 1908, t. I) p. 180-181, sauf pour le mot discernement que nous paraît moins ambigu que discernon".

(41) LECLERCQ, H., a. c., p. 582.

tribuir esmolas; f) Presidir; g) Exercer misericórdia (42).

4) Ef 4, 11.

a) Apóstolos; b) Profetas; c) Evangelistas; d) Pastores; e) Doutores (43).

Parece-me, pois, que estas quatro listas, sempre, são introduzidas no texto com a mesma intenção, quer dizer, com a intenção de descrever a organização do "Corpo de Cristo". No fundo, não são senão variantes mais ou menos completas, mais ou menos parciais de um mesmo dado (44).

Somando as quatro listas, tem-se um total de 29 carismas. Entre os 29 carismas, vários se reduzem a um só título (45). Por isso, após as devidas reduções, chegou-se a 20 graças extraordinárias. Essa enumeração pode ser ampliada de acordo com os critérios adotados (46).

#### 2.3.4. Espécies ou categorias de carismas

Estas vinte manifestações do Espírito podem ser reduzidas a três categorias (47), segundo o gênero

(42) LECLERCQ, H., a. c., p. 582; ALLO, P. E. — B., o. c., p. 335.

(43) LECLERCQ, H., a. c., p. 582.

(44) "Recordemos que tudo aquilo que é expressamente chamado "carismas" na carta aos Romanos e (pelo menos implicitamente) em 1 Cor é chamado *cháris*, "graça" na carta aos Efésios. E recordemos ainda o seguinte: que em todas as listas (com exceção talvez de 1 Cor 12, 8-10), o Apóstolo é justaposto aos dons extraordinários e transitórios (*gratiae datae*) a outros que não parecem senão relacionar-se com vocações, sobrenaturais sem dúvida, mas ordinárias e permanentes que nós designamos "graças de estado" (instrução, assistência, presidência)". ALLO, P. E. — B., o. c., p. 335-336.

(45) Não é muito fácil querer identificar todos estes "dons de graça", quer distingui-los uns dos outros. Muitos parecem confundir-se ou ser apenas

de utilidade que oferecem à Igreja (48).

1) *Dons concernentes à instrução dos fiéis.*

a) Apóstolo (*apóstolos*); b) Profeta (*profétes*); c) Doutor (*didákalos*); d) Evangelista (*euangelistes*); e) Exortador (*parakalôn*); f) Palavra de sabedoria (*lógos sofía*); g) Palavra da ciência (*lógos gnóseos*); h) Discernimento dos espíritos (*diakriseis pneumáton*); i) Glossolalia (*guêne glossôn, glóssais labein*); j) Interpretação de línguas (*hermeneia glossôn*).

2) *Dons correspondentes ao refrigério do corpo.*

a) Dom de distribuir esmolas (*metadidóús*); b) Exercício da misericórdia (*eleón*); c) Dom de socorrer (*antilémpseis*); d) Fé (*pístis*); e) Graças de curar doenças (*charismata iamáton*); f) Dom dos milagres (*energuémata iamáton*).

3) *Dons que têm relação ao governo.*

a) Pastor (*poimén*); b) Dom de presidir (*proistámenos*); c) Ministério (*diakonia*); d) Dom de governar (*kybernéseis*) (49).

subdivisões de outros, nomeados em outra parte, ou, pelo menos ocorrer no mesmo sujeito. Ver particularmente PRAT, Théol. de S. Paul, I, nota H". ALLO, P. E. — B., o. c., p. 336.

(46) Leclercq, H., a. c., p. 582.

(47) KÜNG, H., apresenta em seu artigo, antes citado, a mesma classificação: a) Carisma da pregação: para as funções dos Apóstolos, Profetas, Doutores, Evangelistas e Exortadores. b) Carisma da ajuda fraterna: para as funções dos diáconos e diaconisas, dos que dão esmolas, dos que assistem aos doentes, das viúvas, dos que se dedicam ao serviço da comunidade. c) carisma da governação: anciãos, presidentes, bispos, pastores". KÜNG, H., a. c., p. 40.

(48) Cf. LECLERCQ, H., a. c., p. 582.

(49) Estas três listas (1)-3) foram tiradas de LECLERCQ, H., a. c., p. 582-583.

### 2.3.5. Caracterização dos carismas

“Recordemos estas diferentes manifestações do espírito que são designadas pelos nomes um pouco vagos de “dons” (*charismata*), dons espirituais (*pneumatiká*), de serviços (*diakontai*) e de poderes (*energúmata*). Encontramos, logo, uma hierarquia bem marcada: apóstolos, profetas, evangelistas, doutores: (1 Cor 12, 28) *kai hoús mén ethéto hó Theós en te ekklesia prōton apostólous, deúteron profētas, triton didaskáloús, épēta dýnámēis, k. t. l.* Numa outra passagem, mas da carta aos efésios, é acrescentado um nome a mais: *édoken toús mén apostólous, toús dé profētas, toús dé euanguelistas, toús dé poiménas kai didaskáloús* (Ef 4, 11). Embora haja aqui cinco nomes, parece haver apenas quatro classes, pois os dois últimos nomes são regidos pelo mesmo artigo definido” (50). S. Jerônimo, seguindo, sem dúvida, Orígenes, faz a seguinte observação: “Non enim ait: allos autem pastores et allos magistros sed allos pastores et magistros ut qui pastor est esse debeat et magister” (51).

Por causa desta superposição dos carismas, ou melhor dito, por causa da possibilidade de explicitação de um carisma através de vários outros, quando vistos de diferentes pontos de vista, e por motivos de brevidade não serão tratados aqui os 29 (ou 20) carismas (51 a).

(50) LECLERCQ, H., a. c., p. 583. No texto não consta *pneumatiká*. Foi complementação minha.

(51) S. Jerônimo, Comment. in Ephes. IV. 11, P. L., t. XXVI, col. 499 s.

(51a) Para uma explicação da lista completa e particularmente daqueles que não são explicitados a seguir, remetemos para ALLO, P. E. — B., o. c., p. 337-339.

1) “Os apóstolos nomeados aqui não são Doze. S. Paulo, certamente, quer falar desses missionários que, impulsionados pelo Espírito de Deus abandonam tudo para ir fundar novas cristandades (novos núcleos cristãos), em países pagãos” (52).

Para complementar esta explicação, Schürmann escreve: “sempre que nas listas neotestamentárias aparecem apóstolos, como em 1 Cor 12, 28, 29 e Ef 4, 11 (cf. 2, 20; 3, 5); Lc 11, 49 (cf. Mt 10, 40 s); Apoc 18, 20 — estes figuram em primeiro lugar. Mesmo quando o apostolado não vem mencionado explicitamente nas listas paulinas, a sua importância se revela através da função normativa que Paulo desempenha em virtude de seu apostolado, tratando com autoridade a respeito dos dons espirituais: cf. 1 Tess 5, 12 s. 19-22; 1 Cor cc. 12-14 e Rom 12, 3-8. Mas o apostolado não é apenas o primeiro e mais importante dos dons espirituais. É ainda, de certo modo, a síntese de todos eles” (53).

2) “Edificar, exortar, consolar” (cf. 1 Cor 14, 3) era a tríplice tarefa dos profetas. H. Küng expressa isso numa linguagem e estilo próprio e pessoal: “Através das suas palavras, livres e inspiradas, encham de luz o caminho da comunidade e de cada cristão, no presente e no futuro; também eles são cá postos e mandatados por Deus” (54).

(52) LECLERCQ, H., a. c., p. 583. Em seguida o autor continua: “La Dîachè nous donne sur eux d’assez curieux détails” e remete para a nota 5: “Doctrina duodecim apostolorum”, C. XI, n. 3, daus Opera Patrum apostolicorum, édit. F., — X. Funk, in — 8.º, Tubingae, 1910, t. I, p. 26”.

(53) SCHÜRMAN, H., a. c., p. 609.

(54) KÜNG, H., a. c., p. 41.

"A importância dos profetas, nos tempos apostólicos, já transparece do fato de virem mencionados em todas as listas paulinas. Lucas ainda tem consciência de sua importância predominante nos primórdios de Jerusalém e Antioquia (At 11, 27; 13, 1; 15, 32; cf. Lc 11, 49) e outros lugares (At 20, 23; 21, 9.10 s), e tudo confirmado por outros escritos apostólicos: cf. Mt 10, 40s; 1 Tim 1, 18; 4, 14; Apoc 18, 20 e alhures" (55).

Mais adiante o autor continua: "Com referência às avaliações coríntianas (56), porém, surge outra tendência paulina: a de não limitar-se ao destaque dado ao apostolado, mas ainda, a par dos profetas, ressaltar outras funções "simples" e tradicionais, que já em 1 Tess 5, 12 tinham seu lugar de realce na comunidade. Se os *poiotes*, *k. t. l.*, são mencionados com ênfase antes dos dons espirituais (5, 19-22) e porque sem dúvida, nesta recém-fundada comunidade, os dons espirituais ainda não haviam revelado como na Galácia (Gál 3, 5; 4, 4 s) e Corinto. Também aqui, pois, Paulo não quer deixar esses dons nem "apagados", nem "desprezados". Em 1 Cor 12, 28.29-30, ao contrário, é obrigado a ressaltar os ministérios tradicionais em contraposição aos espirituais; e o

faz com prudência (1 Cor 12, 28.29-30), quando ousa referir-se à tradicional e superior posição dos "doutores". A tríade: apóstolos — profetas — doutores substitui acentuadamente a palavra da ciência e a palavra de sabedoria em 12, 8 ss. Além disso, e depois das extraordinárias operações de milagres (as quais, conforme 12, 8 s, os coríntios ainda parecem antepor à profecia), Paulo focaliza os ministérios práticos da comunidade e, assim, os de ordem caritativa, como os de governo. O mesmo aparece em 13, 1-13. Aí não apenas o conhecimento dos mistérios e a ciência estão, por um lado, integrados na profecia, e, por outro, antepostos à força "miraculosa" da fé, mas também são lembrados os serviços caritativos. As experiências de Paulo com Corinto continuam a traduzir-se na carta aos romanos, escrita em Corinto. Pode ler-se nas entrelinhas que a recomendação 12, 3-5 se dirige especialmente aos profetas, aos quais quisera levar do *hyperforein* ao *sofronein*, de sorte que no v. 6 não menciona os diversos dons em separado. A prioridade da profecia é conservada em Rom 12, 6. Precede a todo o grupo de ministérios, apresentado pelo conceito genérico de *diakonia*. Quanto aos últimos ser-

(55) SCHÜRMANN, H., a. c., p. 609.

(56) "Corinto oferece uma situação peculiar. Claramente constata-se aqui uma avaliação que antepõe o discurso em línguas e outras manifestações espirituais à profecia. Tal avaliação pode ser deduzida de At 19, 8 (mas cf. também c. 2 e 10, 48), e talvez também de 1 Tess 5, 19 s. Também em 1 Cor 13, 1-3 pode encontrar-se a mesma avaliação; e em 1 Cor 14, 28 o discurso em línguas figura como ponto alto na esfera do serviço de Deus. Por outro lado, em 1 Cor 22, 28, 29 s (sic!), Paulo enfatiza a anteposição da profecia —

corrigindo 12, 8 ss a todas as manifestações espirituais extraordinárias. Em 13, 2, integra o conhecimento dos mistérios e a ciência na profecia, antepondo-os, porém, à força "miraculosa" da fé. Igualmente em 14, 30 é o conhecimento dos mistérios atribuído aos profetas; e em 1 Cor 13, 2 é tido, juntamente com a ciência, como função profética. E, 14, 1-5. 29-33 a prioridade da profecia sobre o discurso em línguas se torna temático: numa evidente correção paulina referente ao juízo avaliador em Corinto". SCHÜRMANN, H., a. c., p. 610-611.

viços, parece que Paulo lhes quer destinar um lugar próprio face à profecia. Portanto, o desenvolvimento dos ministérios, para um ofício ordenado, tem o impulso inicial de Paulo mesmo, e com isso a direção apostólica, como se pode ver em Fil 11, e em Ef 4, 11, etc." (57).

3) "O doutor, como o profeta tinha por missão instruir. Mas enquanto o profeta se dirigia principalmente ao coração, o doutor falava principalmente ao espírito (58). Era um catequista inspirado ou, pelo menos, suscitado providencialmente e dotado da palavra da ciência como da palavra da sabedoria que era apanágio habitual do profeta" (59).

4) "O que tem o dom de socorrer (*antilémpsets*), segundo S. João Crisóstomo, também tomava sobre si o cuidado dos pobres e doentes. O autor antes crê que é aquele que põe a serviço de seus irmãos sua experiência, sua influência e seus recursos. De fato *antiléptor* quer dizer "defensor" e *antelambánesthai* significa "socorrer, estender a mão ao que vai cair".

Os dons de fé, cura e milagres possuem estreitas relações entre si (60).

5) "A fé, considerada como carisma, não é mais a virtude teológica, embora se relacione a ela: é a fé capaz de transportar montanhas, de realizar prodígios. Po-

demos defini-la: uma confiança inquebrantável, fundada sobre a fé teológica, sustentada por um "instinto" sobrenatural que Deus, em dado caso, manifestará seu poder, sua justiça e sua misericórdia. É dela que fala Cristo em Marcos: "Habete fidem Dei" (11, 22); é esta fé que imploravam os discípulos: "adauge nobis fidem" (Lc 17, 5). Paulo faz alusão à palavra de Jesus (1 Cor 13, 2), que promete à fé o poder de transportar montanhas. O contrário deste carisma tem um nome especial: *oligopistia* (Mt 16, 20) *oligópistos* (Mt 6, 30)" (61).

6) "O dom de curar, permanente ou transitório, não se confunde com esta fé viva. A sombra de Pedro, a vestimenta de Paulo, como simples contato com Jesus, concediam a saúde (At 5, 15; 19, 2; Lc 6, 19)" (62).

7) Em que o evangelista se distingue do apóstolo? Tudo leva a crer que estava destinado a consolidar as igrejas novas e não a fundá-las. Distingua-se, assim, do apóstolo. O caráter episcopal do qual os apóstolos estavam regularmente investidos era-lhe menos necessário. Filipe, um dos sete primeiros diáconos gregos, é designado evangelista e Paulo exorta Timóteo a fazer obra de evangelista (Tim 4, 5). Teodoro o chama de pregadores ambulantes. Finalmente é supérfluo acrescentar que estes evangelistas não

(57) SCHÜRMAN, II., a. c., p. 611. Ver também ALLO, P. E. — B., o. c., p. 336. Também a Didaqué se ocupa dos profetas; LECLERCQ, II., a. c., p. 583.

(58) "Os doutores transmitem e interpretam a mensagem de Cristo, explicam os seus dogmas e preceitos e introduzem o A. T. na mente da nova Igreja; falam como os profetas, a partir dos testemunhos primitivos

apostólicos, para o presente futuro da comunidade, embora não anunciando de forma intuitiva como eles, antes desenvolvendo teológica e sistematicamente". KÜNG, H., a. c., p. 41.

(59) LECLERCQ, H., a. c., p. 583.

(60) Cf. LECLERCQ, H., a. c., p. 583.

(61) LECLERCQ, H., a. c., p. 583.

(62) Idem, p. 583.

têm nada em comum com os autores dos quatro evangelhos (63).

8) "O *esmoler*, movido por uma atração sobrenatural, distribuiu seus bens aos indigentes" (65).

9) "O que tem o *dom de exercer a misericórdia (eleōn)* assiste aos infelizes, prisioneiros ou enfermos. Sua virtude especial é um ar afável e alegre que duplica o valor do benefício e que serve de antídoto à monotonia do devotamento: *hó eleōn en ilaróteti* (Rom 12, 8)" (66).

10) "O *dom dos milagres* é da mesma natureza que o carisma precedente. Só se distingue deste pela maior amplitude do seu objeto. Paulo os enumera juntos e, por vezes, os reúne, a fim de mostrar, pela textura da frase, que eles formam um grupo: *hetéro pistis... allo dé charismata eanáton... állo dé energuémata dynámeon* (1 Cor 12, 9). Mais abaixo, na mesma carta, a fé é omitida.

11) Os carismas designados por *pastores, presidentes, ministérios e dom de governar* não deixam perceber nenhuma diferença nítida entre si. Não é seguro, certo, que todos pertençam ao mesmo grupo. Deveriam designar uma aptidão sobrenatural para governar a comunidade cristã antes que fosse constituída a hierarquia ordinária. A palavra mais geral *kybernéseis* é entendida pelos exegetas como governo da Igreja cujo chefe é o piloto ou o que governa a embarcação. A palavra vaga de *ministério (diakonía)* de-

signaria os serviços de ordem inferior prestados à Igreja. O *prestidente (proistámenos)*, cuja característica é o zelo (Rom 12, 8), dirigia, certamente, as assembleias religiosas ainda imperfeitamente organizadas. É o título que Paulo dá aos chefes da Igreja de Tessalônica pouco mais de um mês após sua fundação (1 Tess 5, 12). Quanto ao carisma de *pastor (poimén)* (Ef 4, 11), que parece um dos mais claros, é, porém, um dos mais obscuros. Paulo parece quase confundir-lo com o carisma de doutor ou, pelo menos, atribuí-lo às mesmas pessoas. Se esta identidade for estabelecida, o carisma em questão pertence a outro grupo (67).

#### 2.3.6. O conjunto dos dons como um todo coordenado (68)

Depois de ter visto esta enorme multiplicidade de dons, embora rapidamente demais, convém ver o conjunto deles como um todo coordenado.

Nos dons espirituais "manifesta-se" (cf. 1 Cor 12, 7): *hé farégo-sis* e opera: *energuei* o mesmo Espírito: "Mas um e o mesmo Espírito realiza todas estas coisas, repartindo a cada um como lhe apraz" (1 Cor 12, 11). Sendo o princípio um só, os dons espirituais só podem manifestar-se como um todo coordenado que traduz unidade e totalidade. Por isso cada um dos dons tende necessariamente para essa unidade: "E a cada um é

(63) Cf. LECLERCQ, H., a. c., p. 583-584. Ver também ALLO, P. E. — B., o. c., p. 337.

(64) LECLERCQ, H., a. c., p. 584.

(65) Idem, p. 584.

(66) Idem, p. 584.

(67) Cf. LECLERCQ, a. c., p. 584-585. Sobre outros carismas não mencionados ver ALLO, P. E. — B., o. c., p. 337-339.

(68) Esta página é inspirada em SCHURMANN, H., a. c., p. 607-608.

dada a manifestação do Espírito para proveito comum" (1 Cor 12, 7), "para a edificação" (cf. 1 Cor 14, 3.12.26; 2 Cor 12, 19; Ef 2, 21; 4, 12-16).

"A essa realidade que assim se manifesta como um todo coordenado, Paulo chama (...) de "corpo" (1 Cor 12, 13-26). Determinando melhor: "Corpo de Cristo" (Rom 12, 5; 1 Cor 12, 27; Ef 4, 12; cf. Col 1, 24; Ef 1, 23; 5, 29), em que "Cristo" mesmo entra na área dos sentidos. Este conjunto de dons se torna compreensível, observado do ponto de vista do "Corpo de Cristo", porque o Espírito é seu operador e organizador: "Em um só Espírito fomos batizados todos nós..., e todos temos bebido de um só Espírito" (1 Cor 12, 13)" (69).

Uma vez que os dons espirituais se manifestam no Corpo de Cristo, a Igreja, como um todo ordenado e coordenado, era natural que surgisse a idéia de compará-los, alegoricamente, com o corpo humano (1 Cor 12, 12-31). Dessa forma também a carta aos efésios, quando fala do corpo de Cristo (Ef 4, 7-16), acaba, quase necessariamente, falando dos carismas, pois estes se destinam à "edificação" do corpo de Cristo (4, 12).

Em todo o fiel "o amor de Deus se derramou no coração por virtude do Espírito Santo" (Rom 5, 5). E o amor é o carisma dos carismas (70) (cf. 1 Cor 12, 31). A partir daí compreende-se que todo o membro vivo do Corpo de Cristo tem o seu dom espiritual para a edificação do mesmo, dom que deverá aplicar utilmente (1 Cor 12, 7). "Por isso a unidade do conjunto carismático é uma unidade na verdade: "Nós temos dons diferentes (Rom 12, 6; 1 Cor 12, 4 ss. 29 s). Também isto pode ser ilustrado pela alegoria do corpo humano (1 Cor 12, 14-30): "O corpo não é um só membro, senão muitos" (12, 14). Aliás, essa variedade é querida por Deus e é da vontade divina o peculiar modo de ser de cada membro (1 Cor 7, 7; 12, 11.18.28; Rom 12, 3; Ef 4, 7), o que vale igualmente para dons mais simples (1 Cor 12, 21-26)" (71).

### 2.3.7. O princípio regulador e ordenador dos carismas (72)

O Deus que outorga (73) os carismas "não é um Deus de confusão senão de paz" (1 Cor 14, 33). Além do mais, todos estes dons formam um todo coordenado, por-

(69) SCHURMANN, H., a. c., p. 607.

(70) KOCH, R., a. c., p. 170 traduz o mesmo pensamento. Também H. KÜNG, a. c.

(71) SCHURMANN, H., a. c., p. 608.

(72) Este parágrafo está baseado em SCHURMANN, H., a. c., p. 617-622. Só indicaremos a página exata quando houver transcrição literal de um texto.

(73) "Em 1 Cor 12, 14 ss, Paulo se manifesta de maneira temática sobre a origem dos dons espirituais. Seus desenvolvimento tripartido não constitui apenas um jogo literário. Antes e acima de tudo evidencia-se que nos "dons" (12, 4) se "manifesta" (12, 7) o Espírito que os "dá"

(12, 8 s), neles "opera" e os "distribui" (12, 11). São "ministérios" do Senhor e para o Senhor (12, 5), cujo "Corpo" edificam (cf. 12, 4-30; Rom 12, 3-8), e que — segundo a teologia da carta dos Efésios — os "dá" (Ef 4, 7.8.11). Em última análise, vem de Deus (12, 28; 2 Tim 1, 6), "que opera todas as coisas em todos" (1 Cor 12, 6; cf. 1 Ped 4, 11) e o "reparte" (Rom 12, 3) e os "dá como graça" (1 Cor 1, 7; 3. 5.10; Rom 12, 6; cf. 1 Ped 4, 10)". SCHURMANN, H., a. c., p. 602. Para maior aprofundamento ler também as páginas 802-806 do mesmo artigo de Schürmann.

que "um só é o Espírito" (1 Cor 12, 4), embora haja diversidade de dons. Dessas premissas as comunidades devem tirar a consequência: "Faça-se tudo com decência e ordem" (1 Cor 14, 40).

"Nas manifestações paulinas evidenciam-se, porém, dois princípios de ordem: a) a "auto-regulação" da ordem carismática pela caridade e b) o ministério do governo apostólico" (74).

1) A caridade como norma na manifestação carismática.

Os membros da comunidade eclesial, contemplados por dons espirituais, devem fundamentar seu agir no amor fraterno, a fim de agir conjunta e ordenadamente, pois a caridade é o maior dos carismas (1 Cor 12, 31), uma vez que o "amor de Deus que foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (Rom 5, 5).

"Todas as manifestações de S. Paulo sobre os dons espirituais estão compreendidas num só texto: o que trata da "Caridade no Espírito" (Col 1, 8), do amor fraterno (assim em Rom 12, 10), do "amor mútuo". Assim Paulo também exorta em 1 Tess 5, 15 s (entre 5, 12 e 19-22): "Fazei bem uns aos outros e (também) a todos". Em 1 Cor 13 este tema é desenvolvido de maneira especial" (75).

E o Espírito opera através do maior dos "dons, dos carismas (1

Cor 12, 31), pois neste todos os demais estão compreendidos. Por isso pode-se dizer que é a caridade que regula os demais carismas. Também por isso só devem ser utilizados para "servir". "Os serviços são as "juntas e ligaduras que alimentam e ligam o corpo de Cristo e o aumentam no crescimento" (Col 2, 19)" (76).

Segundo Schürmann, Paulo destaca uma dupla atitude na caridade que regula os dons espirituais: a) a pessoa portadora de dons sabe limitar-se, conhece seus limites; b) porque vê o Espírito de Deus operar também no irmão.

a) "A vida carismática repousa sobre a graça da fé, porque só é possível confessar: "Jesus é o Senhor" (1 Cor 12, 3) sob a ação de Deus, com a graça da fé (77). O "espírito de fé" (2 Cor 4, 13) favorece o aparecimento de carismas (Gál 3, 5). Mas essa mesma fé sabe-se limitada pelo respeito que deve ter ao Espírito de Cristo, manifestando-se no irmão. Segundo a analogia de Paulo, existe a tentação de um membro querer exorbitar, assumindo a totalidade do "corpo", que é "o Cristo" (cf. 1 Cor 12, 12). "Se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo" (1 Cor 12, 19)? "Nem todos os membros têm a mesma função (1 Cor 12, 11; cf. Rom 12, 6). Todo o dom deve ser utilizado conforme a sua aptidão específica.

(74) SCHÜRMAN, H., a. c., p. 617.

(75) Idem, p. 618.

(76) SCHÜRMAN, H., a. c., p. 618.

(77) Aqui se teria ocasião de entrar na discussão sobre a concessão, por parte do Espírito, dos carismas só aos membros da Igreja Católica. Mas, segundo LUMEN GENTIUM (N.º 12) carismas também são concedidos a não cristãos. É o que é também constatado por BITTLINGER, A (Die Charismatische Erneuerung der Kir-

chen: Aufbruch urchristlichen Geisterfahrung, in HEITMAN, C. & MÜHLEN, H., Erfahrung und Theologie des Heiligen Geistes, Kösel-Verlag, München, 1974, p. 21). No capítulo seguinte tenta-se uma resposta a este detalhe. É aqui poder-se-ia situar o problema dos cristãos anônimos. Uma coisa, porém, parece certa: sem fé não se entende a possibilidade dos carismas...

Quando um dos membros descamba para o auto-absolutismo, impede-se que o "Corpo" se manifeste na sua coordenação de um-com-outro e um-pelo-outro. Por isso, não se há de sentir "acima do que convém sentir, porém sentir modestamente, cada um segundo a medida da Fé" (Rom 12, 3); cada um segundo o seu respectivo carisma (Rom 12, 6 s), tal como Deus, respectivamente Cristo, o "deu" (1 Cor 3, 5 s. 10; Ef 4, 7.10), o "constituiu" (1 Cor 12, 20), o "distribuiu" (1 Cor 12, 11). Onde houver "comunicação do Espírito" (Filip 2, 1), origina-se o *tó autó*, *tó hén fronein* (Filip 2, 2 s), que, naturalmente, só pode realizar-se mediante a "humildade", que visa "ao interesse dos outros" (Filip 2, 3 s)" (78).

b) Essa auto-restrição da Fé possibilita a caridade que "se rejubila com a verdade" (1 Cor 13, 6) que se manifesta no outro, no irmão. Por isso a recomendação: "amai-vos uns aos outros com amor terno e fraternal. Preveni-vos uns aos outros" (Rom 12, 10 s).

"Cada dom espiritual conhece e respeita o outro. Assim, os que realmente possuem o dom da profecia, ouvem-se mutuamente. Se durante a assembléia da comunidade alguém receber uma revelação, cale-se os demais (1 Cor 14, 30). Podem calar-se, caso a ordem o exija (1 Cor 14, 29), e "ficar" com o que foi ouvido, depois de julgado (1 Tess 5, 21). Porque eles podem julgar sobre se é o Espírito de Deus que fala no irmão (1 Cor 14, 29) e reconhecer que a ordem apostólica é disposição

do Senhor (1 Cor 14, 37 s), "O espiritual julga de tudo, mas a ele ninguém pode julgar" (1 Cor 2, 15) pelo menos, nenhum "homem animal" ou "carnal" (1 Cor 2, 14; 3, 1). O dom referente ao "discernimento de espíritos" (1 Cor 12, 10) é um corretivo; e não é outorgado apenas aos espirituais (1 Cor 2, 13.15; 14, 29.37 s), mas a todos os cristãos (1 Tess 5, 22; Jo 4, 1), especialmente aos que presidem na comunidade (cf. 1 Tess 5, 12). Todos procurem sempre examinar e reconhecer o que é agradável ao Senhor (Ef 5, 10). É evidente que tal só é possível onde se haja chegado à "renovação da mente" (Rom 12, 2), pelo "crescimento da caridade" (Filip 1, 9)" (79).

2) A auto-regulação carismática também é regulada por uma tradição ordenadora.

a) Estudando as comunidades apostólicas, depara-se com tal regulação de ordem estabelecida. Paulo, freqüentemente, incita os fiéis a imitarem-no (1 Tess 1, 6; 2 Tess 3, 6-9; 1 Cor 11, 1; Fil 4, 9); pois tanto em sua vida (1 Tess 2, 14 s); 1 Cor 11, 1; Fil 3, 17; 4, 9) quanto em sua doutrina (1 Tess 1, 6 ss; 1 Cor 4, 16 s) se concretiza validamente a tradição eclesial.

Paulo também pode estabelecer regras, graças às quais se pode "discernir". Tudo é medido pela doutrina transmitida (2 Tess 2, 15; Gál 1, 8 s; Rom 6, 17), em especial pela Fé em Cristo (cf. 1 Cor 12, 3; Rom 12, 3.6; 1 Jo 4, 2 ss; cf. Ef 4, 15; Jo 14, 26; 16, 14), uma vez que a Fé é "obediente" (Rom 1, 5; 6, 17)" (80).

(78) SCHURMANN, a. c., p. 619.

(79) Idem, p. 619-620.

(80) Idem, p. 620.

b) Por outra parte verifica-se também a atividade ordenadora direta do Apóstolo (como transparece em 1 Tess 4, 2; 2 Tess 3, 6. 10 s; 1 Cor 4, 21; 5, 3 ss; 1 Cor 14), "especialmente na realidade carismática, que leva a ordem tradicional à efetivação e interpreta as novas circunstâncias para a devida aplicação (Rom 12, 3; 15, 15 s). Paulo lembra muitas vezes tratar-se de ordem tradicional. Mas este poder apostólico de governo sempre aparece sob o aspecto de "ministério" (cf. as "memórias" apostólicas em 1 Cor 4, 17; Rom 15, 15; cf. 1 Cor 15, 1) e todos os ministérios têm como objetivo único (Ef 4, 15 s) "capacitar para o serviço". Os "colaboradores de Deus" (1 Cor 3, 9) e os "servos de seus irmãos" (2 Cor 4, 5) são sempre "colaboradores para a alegria" (2 Cor 1, 24)" (81).

## II. *Carismas na vida da Igreja* — *reflexão teológica*

### 3. *Estrutura carismática da Igreja*

Antes de iniciar este capítulo é necessário chamar a atenção para um detalhe importante que, à primeira vista, parece não merecer atenção: para poder mostrar que os carismas pertencem à essência da Igreja, pressupõe-se uma determinada visão de Igreja, uma Igreja povo de Deus, uma

Igreja como Corpo Místico de Cristo, uma Igreja que é "communio sanctorum"; mas se se afirmar que os carismas existiram nos primeiros séculos do cristianismo e que, agora, não mais existem e nem são necessários, está-se numa perspectiva de Igreja que é apenas a Igreja hierárquica, jurídica (82), institucionalizada, onde os carismas não têm vez e só atrapalham. Após esta observação preliminar, nada melhor do que trazer o pensamento de três teólogos atuais que defendem mais explicitamente a tese contida no título: K. Rahner, E. Schillebeeckx e H. Küng. Existem outros. E poderia acrescentar que atualmente a maioria, depois da *Lumen Gentium*, para não dizer todos os teólogos, admitem a existência de carismas na Igreja de hoje, e embora alguns, lembrando-se de certos movimentos heréticos, têm sempre um "an. s." em ponto de bala.

Além do mais, desde que, em 1967, "um grupo de professores e estudantes católicos passou por uma surpreendente renovação espiritual, acompanhada da manifestação dos carismas do Espírito, incluindo, sem a eles se limitar, aqueles citados em 1 Cor 12" (83), falar ou escrever sobre carismas tornou-se quase tema obrigatório. Até revistas de âmbito internacional surgiram: "New Covenant" e "Alabaré" para relatar e refletir

(81) Idem, p. 620-621.

(82) A "estrutura carismática da Igreja" por muito tempo não foi suficientemente compreendida em virtude da atitude clericalista e jurídicista da Igreja; esse desconhecimento deve-se ainda ao fato de "a eclesiologia dos livros didáticos católicos se ter baseado por um lado, na eclesiologia das cartas pastorais (e dos Atoes),

esquecendo, por outro, a eclesiologia específica das incontroversas cartas paulinas"... KÜNG, H., *Estrutura Carismática da Igreja*, Concilium, N.º 4 (1965), p. 35.

(83) SUENENS, Cardeal: *Orientações teológicas e pastorais da renovação carismática católica* (tradução de Eduardo Dougherty), Edições Loyola, S. Paulo, p. 78.

sobre o movimento carismático que surgiu há menos de dez anos (84).

### 3.1. *Pensamento de Karl Rahner*

#### 3.1.1. *História (21)*

Rahner, ao fazer o histórico dos carismas dentro da Igreja, não se preocupa com datas. Diria, antes, que se preocupa com os grandes movimentos em que a efusão do Espírito Santo se manifestou, efusão esta detectável em certos momentos e com características próprias.

Rahner, no livro "Lo dinamico en la Iglesia", afirma, a certa altura, que o carismático sempre existiu, de fato, na Igreja (86). A seguir continua: "seria conveniente lançar um olhar para a história da Igreja, mais para a história de todos os dias, essa

história oculta e calada do que para a história da Igreja "grande" e "oficial" (87). E esse olhar de Rahner transparece em seu verbete do LThK (88), em que faz esta história. Principia dizendo que, após os tempos apostólicos, começa a diferenciar-se a ingênua (naiv) unidade existente entre ministérios e dons carismáticos, embora estes continuem a existir ainda por muito tempo, como é atestado pela Didaqué, Justino, etc. (89). Mais tarde, a virgindade e o martírio (90) são considerados como dons carismáticos. Já no século III percebe-se uma diminuição crescente dos carismas. Muitos dos carismas são transformados em ministérios, são institucionalizados, como, por exemplo, os exorcistas (91). O montanismo provoca a primeira grande crise da unidade entre ministérios e carismas (92). Os

(84) Embora não tenha sido utilizada na elaboração deste trabalho, a bibliografia que se oferece, apenas pretende ser um auxílio para quem desejar maiores informações sobre o movimento carismático. Note-se de passagem que a obra de Suenens, Cardeal (nota 83) também contém ampla bibliografia: RANAGHAN, K. e D., Católicos pentecostais (tradução de P. de A. Lins), O. S. BOYER, Pindamonhangaba, p. 332; DE GRANDIS, R.: An Introduction to the catholic Charismatic Renewal, Commercial Printing Co, USA, pp. 20; ARBOR, A.: Seminários de vida no Espírito — Manual de Equipe (tradução de N. Karwinsky), Edições Loyola, S. Paulo, p. 196; SUE-NENS, Cardeal: O Espírito Santo nossa esperança, Edições Paulinas, S. Paulo, p. 323.

CLAR: Vida segundo o Espírito nas comunidades religiosas da América Latina, Conferência dos Religiosos do Brasil, Rio de Janeiro, 1973 (4), p. 77.

(85) Ver na nota 21 uma indicação bibliográfica do histórico dos carismas desde a Igreja apostólica até o movimento montanista.

(86) RAHNER, K.: Lo dinamico en la Iglesia (Quaestiones disputatae —

N.º 1), Editorial Herder, Barcelona, 1963, p. 63; Das Dynamische in der Kirche (Quaestiones Disputatae — 5). Herder, Freiburg, 1960, p. 148.

(87) Idem, Lo Dinamico..., p. 83.

(88) RAHNER, K., Das Charismatische in der Kirche, L. The K., II, Herder, Freiburg, 1958, p. 1027.

(89) RAHNER, K., L.Th.K., p. 1028.

(90) "Carismático era el amor del martírio, que en la antigua Iglesia no dejaba de existir al lado de la cobardía, el cálculo y el compromiso. Carismáticas eran las numerosas explosiones de entusiasmo monacal, que no cesaban de dar a la fundación de nuevas órdenes religiosas, comenzando desde san Antonio y san Pacomio hasta las numerosas fundaciones menores de este género en el siglo pasado". RAHNER, K., Lo dinamico... pp. 63-64.

(91) RAHNER, K., L.Th.K., p. 1028.

(92) "Uma teologia com tendência polemizante corre o grande risco de exercer um efeito unilateral...". PHILIPS, Mons. A Igreja e seu mistério no II Concílio do Vaticano (tradução de Frei O. dos Reis), Tomo I, Editora Herder, S. Paulo, 1968, p. 468.

ministérios vencem. Desde então não se concede mais uma simples dignidade ao carisma.

O monarquismo, no entanto, desde o início, considera-se herdeiro do movimento carismático. Por isso é bem compreensível que as primeiras hagiografias apresentem o santo não só como o herói moral mas também e principalmente como o carismático taumaturgo (93).

O messianismo foi uma segunda radicalização histórica da experiência da graça carismática contra a transmissão da graça, através do sacramento instituído. O donatismo e seu entusiástico impulso para o martírio também pode ser visto deste ponto de vista (93a).

Neste ponto Rahner interrompe, por assim dizer, sua exposição, para observar que não é possível escrever uma história interior e exterior da Igreja tardia sem uma dignificação ou valorização dos carismáticos. E essa valorização, a meu ver, está ocorrendo pela acolhida que vem tendo o movimento carismático dos dias de hoje.

Em seguida Rahner continua. A fundação das ordens religiosas da Idade Média se deve, muitas vezes, à irrupção de vivências místicas. No seio da Igreja aparecem mulheres santas com missões pro-

féticas e místicas (S. Catarina de Sena, S. Teresa de Ávila). Não se pode esquecer os movimentos entusiásticos de pobreza (S. Francisco de Assis) (94). Cabe lembrar ainda os movimentos que tinham suas origens em lugares de peregrinações e aparições (95). Bettencourt acrescenta que também as virtudes sociais e da ciência teológica foram ou podem ser formas da aparição do carismático (96).

### 3.1.2. Reflexão teológica

Rahner afirma que não existe oposição entre ministério eclesial e carisma quer na linguagem comum quer de fato (97). Esta afirmação é confirmada por Martin, J. e estendida a S. Paulo (98). "A Igreja não é apenas a "Igreja santa" (Communio Sanctorum no sentido objetivo) por sua verdade, por sua fundação por Cristo, por seus sacramentos e a salvação nela presente. Como comunidade escatológica da vitoriosa graça divina ela é santa em seu todo, em virtude de sua fé real, do amor a Deus de seus membros e como tal ela aparece como exigindo e fundamentando a fé, para assim demonstrar sua essência (D-S 3031). Mas isto só é possível

(93) Cf. RAHNER, K., L.Th.K., p. 1029.

(93a) Idem, p. 1029.

(94) "No sólo san Francisco era carismático, sino también los franciscanos son carismáticos dondequiera que viven del espíritu de alegría en la pobreza. ¿Qué hubiera sido san Francisco para la Iglesia, si no hubiera encontrado seguidores en el transcurso de los siglos? No hubiera sido carismático en el sentido a que aquí nos referimos, sino un individualista religioso, un pobre exaltado". RAHNER, K., *Lo dinámico...*, p. 64.

(95) RAHNER, K., L.Th.K., p. 1029.

(96) BETTENCOURT, E.: *Carismas*, in: RAHNER, K., *Sacramentum Mundi, I (Absolución-Cooperación)*, Herder, Barcelona, 1972, p. 671.

(97) Cf. RAHNER, K., L.Th.K., p. 1027.

(98) Em MARTIN, J.: *Die Genese des Amtspriestertums in der frühen Kirche (Quaestiones Disputatae — 48)*, Herder, Freiburg, 1972, p. 28, nota 23, lê-se: "Früher hat man, besonders auf katholischer Seite, auch bei Paulus zwischen Ämtern und Charismen trennen wollen; diese Trennung ist, soweit ich sehe, in den neueren Arbeiten aufgegeben".

através dos carismas (99). Por isso o carismático pertence tão necessariamente à Igreja quanto o ministério e os sacramentos sem com isso reduzir o carisma ao ministério (100).

Com isso não está dito que o carismático se manifeste em todos e sempre como algo extraordinário e miraculoso. Se não fosse assim, não existiria vida cristã. Esta sempre é vista como um serviço que se presta dentro do Corpo de Cristo por pouco vistoso que seja.

O carismático, na Igreja, no entanto, deve dar, em sua globalidade, o caráter de algo chamativo ou surpreendente (101). "Com efeito, a Igreja, com sua abundância inesgotável de Santidade deve ser um sinal elevado entre as nações, sinal que demonstre sua origem divina como o ensina o Vaticano I (D-S 3031)" (102). Mais adiante Rahner diz: "Isto (...) não significa que a função de sinal da fé que tem o carismático na Igreja tenha que converter o carismático, nos (membros)

particulares, em algo necessariamente extraordinário (103) e (104).

Além do mais não se pode negar a existência de uma heroica fidelidade no dia a dia, o milagre da serenidade e equanimidade em que o maravilhoso se realiza silenciosamente como se fosse a coisa mais natural. Segundo o ensino da Igreja, a própria vivência da lei natural é impossível sem a graça. Se isto é verdade, então com muito mais razão se pode afirmar que tudo quanto perpassa tal vida heróica e perseverante, e mesmo a própria maneira de se viver esta vida, já é um sinal da graça que ostenta algo de carismático. E minha lembrança se volta instintivamente para aqueles religiosos e religiosas que imolam suas vidas em benefício dos indigentes doentes das Santas Casas, enfim, em favor dos que sofrem.

Por isso o carismático pertence tão necessariamente e permanentemente à Igreja quanto os ministérios e os sacramentos (105).

(99) Esta última afirmação é seguida por um parêntesis que merece ser colocado em nota: "(zumal ja auch die Sakramente nur heiligend wirksam werden können durch die disponierende aussersakramentale Gnade Gottes (D 798 f. 819) u. auch der sakramentaler Gerechtigkeit ausser-sakramentaler Gnade, u. U. in aussergewöhnlichen Mass bedarf (D 132))". RAHNER, K., L.Th.K., p. 1027.

(100) RAHNER, K., Lo dinámico... p. 60.

(101) Idem, p. 58.

(102) Idem, p. 58.

(103) Idem, p. 58-59.

(104) Numa conferência recente, Rahner, após longas exclusões, descreve sucintamente o fenómeno entusiástico carismático individual, através de um enunciado de tese que depois desenvolve: "Mit diesen Phänomenen, die in ihren sie von anderen religiösen Vorkommnissen abgrenzenden Eigentümlichkeiten an und für sich allein weder notwendig spezifisch religiös noch Gnadenerfahrungen

gen sind, wird der Mensch in einer eigentümlichen Weise mit sich, seiner Transzendentalität und darin mit seiner Freiheit, also mit seiner Verwiesenheit auf Gott, so konfrontiert, über die Alltagserfahrung seiner Transzendentalität hinaus, dass er dadurch grundsätzlich in seinem Bewusstsein und in seiner Freiheit auch mit der gnadenhaften Erhabenheit und Verwiesenheit seiner Transzendentalität auf die Unmittelbarkeit Gottes hin als in Freiheit des Glaubens angenommener oder anzunehmender konfrontiert ist und somit an sich im Ganzen des Entusiasmasphänomens ein eigentlich gnadenhaftes Erlebnis gegeben ist". RAHNER, K., Das enthusiastisch-charismatische Erlebnis in Konfrontation mit gnadenhaften Transzendenzerfahrung, in: HEITMANN, C. & MÜHLEN, H., Erfahrung und Theologie des Heiligen Geistes, Kösel-Verlag, München, 1974, p. 72.

(105) RAHNER, K., Lo dinámico... p. 72.

A partir do que foi visto não se pode bem entender a idéia bastante generalizada de que os carismas existiram (só no passado), na Igreja primitiva, para facilitar seu início (106) e que eles, atualmente, não são mais necessários, como afirmava Gregório Magno, no início do século VII (107). Esta concepção surgiu, segundo Rahner, porque se via o carismático através de determinadas manifestações históricas, hoje, felizmente, superadas. Mas o carismático, por sua natureza, é um traço essencial da Igreja; irrompe em sempre novas formas. Por isso, sempre de novo, deve ser redescoberto (108). E isto, continua Rahner (109), é doutrina explícita da Igreja (D-S 3807-3811) (110). Tais carismas são concebíveis como tais, quando atribuídos aos ministérios eclesiais, sem os quais estes ministérios eclesiais não poderiam ser desempenhados corretamente, por causa da fragilidade humana. E para estes ministérios são e continuam sendo uma promessa: "E eu rogarei ao Pai e Ele vos dará um outro advogado, para que fique eternamente convosco" (Jo 14, 16).

A perenidade da Igreja e com a Igreja o ministério, apoiada na promessa de sua indestrutibilidade (cf. Mt 16, 18), é possível, em parte e concretamente, através dos carismas a ela sempre de novo concedidos. Mas além dos carismas ministeriais devem existir

carismas não institucionalizados; pois a Igreja santa, testemunha da vitória escatológica da Graça de Deus, manifestada, por ela, ao mundo, não é constituída pela hierarquia (Amtsträger) mas também pelo povo santo de Deus. Os carismas que podem estar em todos os cristãos e em todo o justificado se diferenciam apenas parcialmente das virtudes cristãs, isto porque fazem, por assim dizer, das virtudes, em si necessárias, algo mais vistoso de modo que sejam testemunho e sinal da Igreja (111).

E Rahner conclui o verbete com uma observação que já toca, em parte, o problema hierarquia-carisma. Se os carismas, pois, pertencem à essência da Igreja, então o ministério (a hierarquia) deve, além de tolerá-los, cultivá-los criticamente; deve reconhecer que os impulsos do Espírito na e para a Igreja não partem só dos que ocupam postos na hierarquia mas podem partir do povo-santo-de-Deus, enquanto o Espírito faz atuar nele seus dons da graça. Deve, finalmente, não só ter a coragem de permitir o aparecimento de formas novas e desconhecidas do carisma, mas também de recebê-los, ordená-los e incorporá-los na vida da Igreja (112).

### 3.2. *Pensamento de Schille-beeckx*

As linhas que seguem pretendem ser apenas um esboço das idéias

(106) "Y, realmente, no se ve como se pueda justificar la afirmación de que la primitiva Iglesia fue de hecho más carismática. Todo estaba circunscrito a un espacio reducido y por eso llamaba más atención. Pero tampoco en la Iglesia primitiva era todo entusiasmo carismático". RAHNER, K., *Lo dinámico...* p. 62.

(107) RAHNER, K., *Lo dinámico...* p. 62; RAHNER, K., *L.Th.K.*, p. 1027.  
 (108) RAHNER, K., *L.Th.K.*, p. 1027.  
 (109) Cf. RAHNER, K., *L.Th.K.*, p. 1028.  
 (110) Plo XII: *Mystici Corporis*, AAS, 35 (1943) 200 s.  
 (111) Cf. RAHNER, K., *L.Th.K.*, p. 1028.  
 (112) *Idem*, p. 1028.

de Schillebeeckx extraídas de um artigo (113).

O pensamento do autor parte do conceito de Igreja. Igreja não quer dizer hierarquia mas sim "assembléia" — no sentido bíblico e patristico — dos que crêem, a reunião dos que acolheram a redenção de Cristo, para testemunhá-la ao mundo. E esta assembléia tem por finalidade, ainda, de ser *sacramento*, sinal e realidade da salvação oferecida ao mundo (113a).

E mais adiante lê-se: "se a Igreja é, antes de mais nada, Povo de Deus, sobre o qual a presença e a ação do Espírito se prolongam continuamente, o carismático não pode reduzir-se aos tempos da Igreja primitiva. O Concílio (Vaticano II) reconheceu, pois, que o elemento carismático e profético é essencial também na Igreja atual" (114). E, em seguida, acrescenta: "Na perspectiva primordialmente hierárquica da Igreja, isto era interpretado como um atentado à disciplina" (115).

E uma das expressões privilegiadas deste elemento carismático e profético é a vida religiosa. "Um instituto religioso é um carisma eclesial institucionalizado, reconhecido oficialmente, para poder ser exercido de um modo contínuo e eficaz. Nas ordens e congregações ativas ou mistas, trata-se de um carisma apostólico, um carisma cristalizado a serviço da Igreja, para ajudá-la na realiza-

ção eficaz de seu apostolado. Carisma — notemo-lo bem — que surge das bases do próprio Povo de Deus" (116). Não surge da hierarquia; esta apenas o supervisiona, orienta e canaliza sua atividade.

Mas para que esta atividade apostólica e de serviço à Igreja tenha mais liberdade, as ordens e/ou institutos religiosos "têm seus próprios superiores, encarregados de velar pela integridade da inspiração original de seu carisma. Esta autonomia relativa" pertence à própria essência do caráter carismático do Povo de Deus. A "isenção" dos religiosos em relação aos bispos é uma manifestação histórica — embora não a única possível — desta exigência carismática" (117).

Com semelhante exigência carismática a hierarquia não sofre detrimento, "porque, embora a hierarquia não receba seu poder do Povo de Deus mas do próprio Deus (...), presente por seu Espírito, através dos tempos e no conjunto dos que crêem" (118).

A fidelidade ao carisma próprio e original, para uma ordem religiosa, pode significar, muitas vezes, ruptura com certas formas apostólicas caducas (119).

Em suma, do pensamento de Schillebeeckx, embora só trate de área restrita: relação entre vida religiosa e hierarquia, transparece sua grande afinidade com o pensamento de Rahner. Também Schillebeeckx afirma claramente

(113) SCHILLEBEECKX, E., *Religiosos y episcopado*, *Selecciones de Teología*, 6 (N.º 21-24), (1967) pp. 239-244; Cf. SCHILLEBEECKX, E., *Collaboration des religieux avec l'Episcopat, Vie Consacrée*, 38 (1966), pp. 75-90.

(113a) Idem, p. 241.

(114) SCHILLEBEECKX, E., *Religiosos y episcopado*, *Selecciones de Teología*, 6 (1967) p. 241.

(115) Idem, p. 241.

(116) Idem, p. 241.

(117) Idem, p. 241.

(118) Idem, p. 242.

(119) Cf. Idem, p. 241.

“que os carismas são vistos com receio por muitos” que confundem Igreja com hierarquia (120). Na mesma página escreve ainda que o carismático é um elemento de inquietude e renovação. Sem maiores explicitações chega também a tocar no problema do sofrimento ligado ao carisma.

### 3.3. Reflexões de H. Küng

H. Küng, em seu artigo: “Estrutura carismática da Igreja” (121), afirma insistentemente que a Igreja não está fundada apenas sobre os apóstolos (afirmação que leva facilmente a uma visão de Igreja hierárquica, institucionalizada) mas também sobre os profetas, apoiando-se em Ef 2, 20 (122).

Explicitando este pensamento, o autor escreve, comentando o N.º 12 da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*: “Dizer que todo o povo é participante no ministério profético de Deus não significa mais do que repetir que todo o povo e cada membro separadamente é “ungido”, vivificado e movido pelo E. Santo. E é por isso que a Constituição fala imediatamente e conseqüentemente da *universitas fidelium qui unctiorem habent a Spiritu Sancto* (cf. 1 Jo 2, 20.27)” (123).

Logo em seguida Küng diz que, sendo a Igreja local e a Igreja no seu conjunto denominados de templos e habitação do Espírito Santo, é retomada uma acepção antiga de Igreja, em que o Espí-

rito Santo habita em cada cristão (124). “Os textos que se transcreveram para evidenciar a plenitude do Espírito Santo em toda a Igreja, demonstram claramente que cada cristão é instruído diretamente pelo Espírito Santo” (125).

Toda a Igreja, portanto, é uma vida no Espírito Santo. E para evidenciar a plenitude do Espírito Santo na vida da Igreja e sua atuação, Küng disserta primeiramente sobre o princípio: “*Universitas fidelium in credendo falli nequit*” (126). A segunda forma de atuação do Espírito Santo seria através dos carismas (127).

Mas que são carismas? Não constituem fenômeno extraordinário e isolado mas sim habitual e multiforme; este fenômeno também não se limita a um determinado número de pessoas; verifica-se, porém, genericamente, em toda a Igreja. Se não se restringem a um determinado círculo (p. exemplo, hierarquia), então são dados a todos e a cada um dos cristãos. Cada cristão tem seu próprio carisma, diz Küng (128), citando os textos de 1 Cor 7, 7; 12, 7; 1 Ped 4, 10. Isto significa, simultaneamente, que não são um fenômeno ultrapassado mas atual e que os carismas não são um acontecimento periférico. Pelo contrário, são uma manifestação profundamente central e essencial na Igreja.

“Nesta ordem de idéias, teremos de considerar uma *estrutura carismática da Igreja*, que abrange

(120) Idem, p. 242.

(121) KÜNG, Hans, *Estrutura carismática da Igreja*, Concilium, N.º 4 (1965) pp. 31-45.

(122) Cf. Idem, p. 32.

(123) Idem, p. 32.

(124) Cf. Idem, p. 32.

(125) Idem, p. 32.

(126) Cf. Idem, p. 33-34.

(127) Cf. Idem, p. 34-36.

(128) Idem, p. 37-43 (Cf.).

a estrutura ministerial e a transcendente. O alcance teológico e prático desta asserção nunca poderá ser esquecido" (129).

Depois de ter dito o que não se entende por carisma, Küng parte para uma definição positiva: "No seu sentido mais profundo, carisma é o chamamento que Deus dirige a cada um para um determinado serviço na comunidade, tornando-o simultaneamente apto para esse mesmo serviço" (130).

Depois Küng diz, literalmente, referindo-se aos carismas: "Todos se relacionam com o grande carisma de Deus, no fim dos tempos, a vida eterna, que nos foi anunciada em Cristo: "Mas a graça de Deus é a vida eterna em Nosso Senhor Jesus Cristo" (Rom 6, 23; cf. Rom 5, 15s). A riqueza dos dons do Espírito foi-nos manifestada pela abundância de graças de Jesus Cristo (cf. 1 Cor 12, 4-6; Ef 4, 8-11; Jo 1, 16). Quer seja, pois, apóstolo, profeta, doutor, evangelista, bispo, diácono, quer se tenha o poder de consolar, exortar, perdoar, amar, tudo é dom em Jesus Cristo e tudo se refere àquele que em Si, primacial e originariamente, esses dons contém e realiza" (131).

Depois de ventilar o delicado problema da ordem e unidade em relação à diversidade e liberdade escreve: "Isto não significa para aqueles a quem são dados os carismas, que não se restabelece a

unidade e a ordem, rejeitando a diversidade. Ao contrário, o fato de cada um ter o seu carisma condiciona a unidade e a ordem" (132).

Como os carismas não são recebidos exclusivamente em benefício próprio, "os carismas promovem a "edificação da Igreja" (1 Cor 14, 12; cf. Ef 4, 12 s). Em vista disso, o cristão não deve utilizar o seu carisma como arma para grangear maior posição ou poder na Igreja mas como dom, posto a serviço do próximo. É por este motivo que a caridade é o maior dos carismas (1 Cor 13)" (133).

Concluindo, pode-se dizer com Küng: "A ordem carismática da Igreja não se caracteriza, pois, nem por uma tal liberdade eufórica que degenera em arbitrariedade ou desordem, nem por um rigor tal que degenera em igualdade e uniformidade. Portanto, não é arbitrariedade nem uniformidade, tampouco unanimidade ou desordem; é sim a ordem na liberdade: "onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade (2 Cor 3, 17)" (134).

### 3.4. Reflexões ulteriores (135)

Como transparece claramente das linhas acima, todos os autores concordam em que os carismas deixaram de ser um fenômeno necessário apenas na Igreja pri-

(129) KÜNG, H., a. c., p. 43.

(130) Idem, p. 44. Esta definição coere com a da L. G., embora esta seja um pouco mais ampla: "graças especiais (os carismas) que tornam os fiéis aptos e prontos a tomarem sobre si os vários trabalhos e ofícios que contribuem para a renovação e mais ampla construção da Igreja" (L. G., N.º 12).

(131) KÜNG, H., a. c., p. 44.

(132) Idem, p. 44.

(133) Idem, p. 45.

(134) Idem, p. 45.

(134) KÜNG, H., a. c., p. 45.

(135) As páginas que seguem estão em íntima conexão com o parágrafo 2.3.7 do capítulo anterior: "o princípio regulador e ordenador dos carismas".

mitiva; o fenômeno carismático nunca abandonou a Igreja. Pois "o Espírito Santo, a fonte dos carismas, sempre atua na Igreja", escreve Schmaus (136). São, portanto, parte integrante da vida da Igreja no tempo intermédio (período que medeia entre a ressurreição e a parusia) (137). E recordar aqui a confirmação como sacramento do Espírito Santo não é totalmente fora de propósito; pelo contrário, é bem enriquecedor.

O que chama a atenção nesses autores é que pouco se fala, explicitamente, ao dissertar sobre carismas, do Espírito Santo como fonte dos carismas. Por isso creio que a teologia dos carismas teria uma maior dinâmica se partisse positivamente de uma pneumatologia. Pois "os cristãos receberam o Espírito. Por isso devem viver do Espírito". Devem concretizar (em suas vidas) aquilo que lhes foi dado (Gál 5, 18; 2 Tess 2, 13-17; 1 Cor 3, 16.17; 6, 18 ss). A participação nos sofrimentos de Jesus Cristo é, particularmente, a prova concreta mais forte de que um homem é membro do corpo de Cristo e por isso perpassado pelas

forças ressurgidoras deste corpo, portanto do corpo espiritualizado de Cristo. A posse do Espírito é o penhor, "a entrada" (Anzahlung) da salvação (2 Cor 1, 22; Gál 5, 5; Rom 8, 23). É a garantia da salvação plena no futuro. A posse do Espírito tem, pois, um significado escatológico" (138).

Este aspecto se torna mais claro se se lembrar a promessa da assistência do Espírito Santo ao papa no exercício do carisma da infalibilidade. E como se explicaria a "infalibilitas in credendo" dos fiéis se o Espírito não estivesse vivo e atuante na Igreja. De onde segue que os carismas, como dons do Espírito Santo, são parte essencial e constitutiva da Igreja do tempo intermédio.

Por isso o fenômeno carismático, na Igreja, não é apenas objeto de fé mas também, em toda a sua plenitude, em sua permanente realidade e em sua sempre renovada vitalidade, pode ser um motivo de credibilidade (139) (140).

Desta realidade toda, porém, não segue necessariamente que "todo o cristão manifeste um ou

(136) SCHMAUS, M., *Der Glaube der Kirche — Handbuch katholischer Dogmatik*, Volume I, Max Hueber Verlag, München, 1969, p. 209; Ver também SCHMAUS, M., *Teologia Dogmática (Manuales de la Biblioteca del Pensamiento actual — 5)*, volume IV (La Iglesia), Ediciones Rialp, Madrid, p. 237.

(137) (Paulus) "begreift den Geist als die charakteristische Heilskraft der Zwischenzeit von Auferstehung und Wiederkunft Jesu Christi. Das Heil ist nach ihm so da, dass der Geist da ist. Der Geist beherrscht den ganzen Raum zwischen Gott und Mensch. Er verwandelt den Menschen zu etwas Neuem, zu etwas göttlichem". SCHMAUS, M., *Der Glaube der Kirche*, I, p. 551.

(138) SCHMAUS, M., *Der Glaube der Kirche*, I, p. 548.

(139) Cf. RAHNER, K., *Lo dinámico...*, p. 75.

(140) "Cuando el Vaticano, reasumiendo una doctrina del cardenal Deschamps (Dz 1794) pone de relieve que "la Iglesia, por sí misma, en virtud de su admirable propágación, de su extraordinária santidad e inagotable fecundidad en todo lo bueno, en su católica unidad e invencible constancia es un grande y permanente motivo de credibilidad y un testimonio irrecusable de su divina misión, quiere decir-se, si atendemos a la cosa misma, que nos grandes carismas de la Iglesia, en su unidad y totalidad espacial y temporal, en la cual aparecen al hombre abierto e imparcial como una peculiaridad de la misma, son no sólo objeto de la fe, sino también al mismo tiempo motivo de credibilidad". RAHNER, K., *Lo dinámico...*, p. 75.

mais carismas" (141) muito menos a sugestão de tudo ser carisma: "até o comer e beber podem tornar-se carismas" (142). Isto, a meu ver, não é valorizar o carisma; é, sim, sua vulgarização. Se todos fossem carismáticos, se tudo realmente fosse carisma, a Igreja seria um sinal muitíssimo mais esplendoroso, um motivo de credibilidade mais "convincente" do que de fato é.

Deve-se sempre ter em mente que o carisma é "gratia gratis data", não necessariamente dada. Como não é uma realidade sobrenatural necessariamente presente no membro individual do Povo de Deus (mas sim da Igreja como Povo de Deus) mas sim um dom, este dom se torna atuante "ex opere operantis". Para confirmar esta afirmação é muito oportuno o texto: "Na história viu-se manifestar tanto mais os carismas quanto mais fervorosos eram os ambientes e as pessoas a quem o Espírito era concedido" (143).

E para completar esta crítica, poder-se-ia invocar um princípio que não foi lembrado por nenhum dos autores que teologizam em torno dos carismas: "gratia supponit naturam". Cada qual deve usar e responder, pois, pelos talentos que Deus lhe concedeu. Será que Deus, para suscitar um teólogo (doutor) como Agostinho ou Santo Tomás, concederia a graça deste carisma a um mente-capto?

(141) SUENENS, Cardeal, Orientações teológicas e pastorais da renovação carismática católica, Edições Loyola, S. Paulo, p. 11; KÜNG, H., a. c., p. 43.

(142) KÜNG, H., a. c., p. 40.

(143) REGAMEY, R. O. P., *La Renovación*

Outra pergunta que alguém poderia fazer seria sobre a possibilidade da existência de carismas fora da Igreja. Não só Rahner (144) mas também outros defendem a tese da existência de carismas fora da Igreja. Como explicá-lo?

Todos concedem que existe graça, salvação, mesmo fora da Igreja visível (cf. L. G. 15; 16; UR 3; A. G. 1; 4; 7). A Igreja não é, pois, somente sinal da graça para o mundo, daquela graça que é oferecida a toda a humanidade, mas também da graça que é de fato vitoriosa mesmo no âmbito extra-ecclesial. Isto decorre do caráter sacramental, encarnatório de nossa salvação: primeiro exclusivamente em Cristo, depois em sua Igreja, que, por um lado, não é uma entre outras tantas "instituições salvíficas" existentes no mundo, mas a única, sem a qual ninguém se salva (extra ecclesiam nulla salus), mas que, por outro lado, sendo sinal da graça e não a graça mesma, não circunscreve esta última a seus limites, embora seja a expressão (sinal) mais perfeita desta.

Antes de fazer outras críticas a Küng, queria fazer uma observação com respeito à tradução portuguesa de seu artigo: "Estrutura carismática da Igreja" (145). A tradutora usa o termo "serviço" em vez de "ministério" quando há referências explícitas a textos escriturísticos que falam de ministérios (146). Serviço e ministério

en el espíritu — descubrir de nuevo la vida religiosa (Espíritu y vida — 4), Editorial "Sal Terrae", Santander, 1975, p. 38.

(144) RAHNER, K., *Lo dinámico...*, p. 75.

(145) KÜNG, H., a. c.,

(146) KÜNG, H., a. c., p. 44.

não se identificam sob todos os aspectos. Talvez esta identificação seja sugerida pelo próprio Küng, quando escreve: "o carisma não pode estar sujeito ao ministério da Igreja; os ministérios da Igreja é que devem estar subordinados ao carisma" (147).

Küng nega ainda o caráter extraordinário dos carismas atuais (148). Rahner não pensa bem assim. O fenômeno carismático, na sua manifestação individual, não precisa de ser extraordinário; mas tomado no sentido global da vida da Igreja, o extraordinário e o maravilhoso devem manifestar-se. Além do mais, os movimentos carismáticos atuais, por si só, derubam a afirmação gratuita de Küng.

Viu-se, linhas acima, que os carismas continuam existindo na Igreja. Para tanto basta ler o verbete de Koch sobre carismas. Fala longamente do carisma da pregação que é um exemplo entre muitos outros. "O carisma da pregação nunca faltou na Igreja. Em meio à superficial época da ilustração, por exemplo, São Clemente Maria Hofbauer, apóstolo de Viena, proclamou: "O evangelho tem que ser pregado, hoje, de novo". O retorno às fontes da Bíblia, da liturgia e da tradição antiga, segundo a palavra de Pio XII, é um "sinal da providência de Deus para os tempos atuais, um sopro do Espírito Santo na sua Igreja". A pregação missional adquire, desta forma, um matiz mais bí-

blico, litúrgico, pascoal e escatológico" (149).

Em seguida Koch relembra diferentes movimentos dentro da Igreja: ação católica, o apostolado leigo, a legião de Maria, os institutos seculares. E por que não lembrar aqui os movimentos carismáticos que estão renovando e reafervorando a Igreja?

E no serviço caritativo houve e há outra manifestação silenciosa do grande carisma, simbolizado pelo bom samaritano: "No berço de todas as grandes obras de caridade da Igreja está o carisma da beneficência. O próprio Espírito Santo reclama a fundação de instituições caritativas, que se ajustem às necessidades de cada momento da Igreja. Pela imposição das mãos e oração os apóstolo instituíram, para o serviço da mesa, sete homens escolhidos, "chelos do Espírito Santo e da Sabedoria" (At 6, 1-6; cf. Rom 16, 11). Este carisma da "diaconia" nunca se extinguiu na Igreja de Deus. Hoje atua mais poderosamente do que nunca. Pensemos nos "Trapeiros de Emaús", de Abbé Pierre, nas "aldeias de Europa", do Padre Pire para os desterrados, na grandiosa obra benéfica do conhecido "Speckpater, Van Staaten, etc." (150).

A partir do que se viu linhas acima, pode dizer-se que podem "prever-se, de alguma forma, as formas de manifestação do carisma, a partir de sua essência histórico-salvífica e eclesiológica. As-

(147) Idem, p. 41.

(148) Cf. KÜNG, H., a. c., p. 37-39.

(149) KOCH, R., Carisma, in: BAUER, J. B., Dicionário de teologia bíblica (trad. de H. A. Simon) volume I, Edições Loyola, S. Paulo, 1973, pp.

169-174; o tex-espanhol foi impresso pelo Editorial Herder, Barcelona, 1967, coluna 163 171, texto usado nesta citação. O texto transcrito está na coluna 168.

(150) KOCH, R., carisma, coluna 169.

sim, no tempo apostólico manifestou-se, principalmente, como sabedoria, como ciência, como poder para fazer milagres, como discernimento dos espíritos, como governo da comunidade, como dom das línguas (cf. principalmente 1 Cor 12-14). Sendo, pois, imprevisíveis em suas formas, os carismas devem ser descobertos e aceitos sempre de novo. Mas o critério de novidade de uma forma carismática (por exemplo, o movimento de pobreza na Idade Média) não pode ser usado como argumento contra a eclesialidade do carisma e contra sua procedência do Espírito. Pelo contrário, essa novidade deve ser reconhecida como novo impulso do Espírito de Deus que quer confrontar a Igreja militante com seu presente histórico sempre novo (151).

Cabe finalmente uma pergunta. Todos falam de carismas. Todos invocam um impulso carismático para criticar as estruturas da Igreja, para partir para novas experiências apostólicas, para testemunhar diferentemente e/ou mais "autenticamente", do ponto de vista exterior, a vida religiosa. E ninguém aspira, ninguém invoca o carisma máximo, o da caridade (cf. 1 Cor 12, 31; 1 Cor 13). Por que será? Será que o amor (a caridade) evangélico é difícil de ser vivido até as últimas consequências? Será que os "carismáticos" não o aspiram por ser um mandamento? Será que há confusão entre virtude e carisma? Em que se distingue virtude e carisma?

(151) Cf. RAHNER, K. & VORGRIMLER, H., *Diccionario Teológico* (Biblioteca Herder — Sección de teología y filosofía — 104), Editorial Herder, Barcelona, 1966, pp. 86-87.

Ambas as realidades necessitam da graça para o seu despertar, ambas necessitam da graça para o seu viver, ambas necessitam da graça para o seu desenvolvimento e aperfeiçoamento.

Uma possível resposta possa estar no fato de a caridade regula os carismas todos pelo fato de compreendê-los, pois todas as "gratiae speciales" foram e são concedidos para o bem da comunidade.

Outra dúvida, entre outras, seria a da relação que existe entre carisma e dotes naturais ou entre carismas e "diploma". Na Igreja primitiva havia o carisma conhecido sob a denominação de doutor, de profeta, etc. Hoje, as tarefas desempenhadas pelos carismáticos deste gênero são incumbência dos teólogos, canonistas, exegetas, etc. que adquiriram seus conhecimentos através de duro esforço pessoal nas Faculdades e Institutos Teológicos. Os últimos também oferecem seu esforço intelectual em benefício da Igreja de Cristo; seu trabalho pertence, por assim dizer, à essência da Igreja. E, no entanto, não os chamamos de carismáticos. Sabe-se que "gratia supponit naturam"; mas será que o esforço humano pode substituir a graça? Ou será que a presença onipresente e vigilante do Espírito atua de modo especial nas inteligências dos grandes teólogos de renome internacional, para que não desvirtuem o depósito da fé?

Creio que as linhas acima não mais deixam dúvida sobre a existência de carismas na Igreja de hoje e que eles são quase que "constitutivos"... Mas ao lado

desta certeza surgem muitas interrogações. Nem todas recebem resposta clara e pronta. O tempo trará respostas a essas interrogações e a muitas outras que aqui não foram explicitadas.

#### 4. *Carisma e hierarquia*

Antes de iniciar este capítulo, devo esclarecer que este tema está intimamente conexo com o do capítulo anterior. Por isso estava inclinado a incluí-lo ou entremeá-lo no capítulo precedente. Preferi, porém, ficar fiel ao esquema inicial por parecer mais lógico e porque me lembrei do velho lema dos romanos: "divide et impera". Por isso peço excusas ao leitor benévolo se houver repetições. E estas são inobviáveis e, até mesmo, necessárias.

Qual é, pois, a relação vital mais correta entre os dois pólos: hierarquia e carisma que mais parecem opor-se de que complementar-se? Digo "opor-se", porque se conhece uma série de fatos em que elementos da hierarquia não admitiam nem podiam admitir o fenômeno carismático, devido a sua "consciência burocrática". O carismático só atrapalhava, na mentalidade de tal "funcionário" da Igreja. Uma primeira resposta será dada por Koch: "Os carismáticos se lançam geralmente com zelo impetuoso e entusiasmo sem limites sobre todos os terrenos da vida da Igreja, a fim de estabelecer o reino de Jesus Cristo; a hierarquia da Igreja prefere

aguardar e ponderar. Daqui surgem tensões que às vezes afetam dolorosamente aos interessados, mas que se resolvem uma ou outra vez pela ação do Espírito Santo. Porque é o Espírito Santo, definitivamente, que chama ao governo da Igreja, porque é o Espírito Santo o que dirige a Igreja por meio de seus representantes" (152).

Mas se se olhar com sobranceira e sem preconceito este problema, pode-se chegar a concluir com Schmaus (153) que carisma e ministério (Amt) se exigem mutuamente em vez de se excluírem. Integram-se, antes, para a totalidade da Igreja de Cristo. Ambos são, pois, tão necessários a ponto de não haver Igreja sem ministério, nem Igreja sem carisma. Isso é tão válido que se pode perguntar se os carismas, à semelhança dos ministérios (Amt) pertencem à estrutura da Igreja. Isto já foi respondido positivamente no capítulo anterior. Mas poderia acrescentar com Schmaus que os carismas pertencem de tal forma à estrutura da Igreja que eles envolvem e até contém os ministérios (Ämter) (154). E Rahner (155), falando da evolução do dogma, chega a dizer que a hierarquia depende dos movimentos carismáticos da Igreja. Esta afirmação ficará mais clara, quando se falar e comparar os carismas com a vida (156).

Aqui talvez caiba a pergunta: em que sentido ministério ou car-

(152) KOCH, R., verbete citado, coluna 169.

(153) Cf. SCHMAUS, M., *Der Glaube der Kirche*, Handbuch katholischer Dogmatik, Volume II, Max Hueber Verlag, München, 1970, p. 142.

(154) Cf. Idem, p. 142.

(155) Cf. RAHNER, K., *Escritos de Teologia*, IV vol., Taurus Ediciones, Madrid, 1961, p. 29.

(156) "Onde quer que atuem (os carismas), devem ser respeitados pela

go é carisma? As autoridades hierárquicas e os batizados não-ordenados estão ligados, unidos pelo mesmo Espírito. Todo o povo de Deus é animado pelo Espírito Santo à semelhança do corpo humano pela alma. O Espírito atua, pois, tanto através da hierarquia quanto através dos demais batizados. Por isso pode-se caracterizar o cargo com a palavra carisma, quando este é entendido como ação do Espírito Santo e como serviço (156a).

Considerando os carismas na dimensão da vida, alguns problemas que mais tarde forem surgindo e já se manifestaram ficarão mais claros ou mais inteligíveis. Os carismas, na expressão de Schmaus, pertencem à dimensão da vida (157) e (158) e não à dimensão da ordem, assim como as qualidades naturais do homem pertencem à vida do estado. Os carismas como que preenchem a estrutura jurídica. Esta estaria vazia e fria como cemitério, se não estivesse cheia de vida, fé, esperança e amor. Por outra parte, o que não se deve perder de vista, a vida seria caótica, se não ocorresse dentro de uma determinada ordem; assim como a autoregulação bioquímica dentro de um organismo vivo... A necessidade e a importância de limites impostos

hierarquia do cargo, à qual compete reconhecer que sem o elemento carismático na Igreja, a vida eclesial se tornaria uma atividade preponderante burocrática, perdendo o fulgor da santidade e a dinâmica de um futuro jovem. Que teria sido da Igreja do passado sem um Antônio, um Bento de Núrsia, um Francisco de Assis, uma Catarina de Sena, uma Teresa de Ávila e esse quase sem-número de outros portadores de carismas na Igreja e para ela, sem que tivessem pertencido à hierarquia do

aos carismas encontramos a expressão em 1 Cor 12. Em Corinto, realmente as manifestações do Espírito foram intensas e multifacetadas. Com eles surgiu também o perigo das independizações dos carismas individuais com o perigo de, em vez de servir ao bem da comunidade, se tornarem uma fonte de dissensões. E Paulo, inteligentemente, não censura os carismas em si, mas faz com que os cristãos de Corinto refletam sobre o verdadeiro sentido dos dons espirituais, a fim de que a arrogância e a vaidade não percam de vista a verdadeira fonte dos dons. Os carismas, em sua variedade de manifestações, de nenhuma forma podem perturbar a unidade e a harmonia da comunidade. Paulo, evidentemente, no incidente de Corinto, luta contra dois perigos: de um lado, contra a invasão da confusão, do caos, e de outro lado, contra a perda do Espírito pelo aprisionamento destas manifestações carismáticas através de delimitações por demais estreitas, tentação de todo aquele que é responsável pela ordem. Mas Paulo lembra a seus irmãos na fé que Deus é um Deus da Ordem e não do Caos (cf. 1 Cor 14, 33). E como responsável da comunidade de Corinto estava também muito bem consciente de que

cargo?" RAHNER, K., *Novo Sacerdócio* (tradução de J. M. Wisniewski, S. V. D.), Herder, S. Paulo, 1968, p. 217.

(156a) SCHMAUS, M., *Der Glaube der Kirche*, volume II, p. 141.

(157) Cf. Idem, p. 143.

(158) "Onde, porém, a vida não for verdadeiramente viva e não houver o suficiente espaço de liberdade para a vitalidade, também o cargo deverá transformar-se na dolorosa ordem de um necrotério". RAHNER, K., *Novo Sacerdócio*, p. 217.

não lhe competia extinguir o Espírito (cf. 1 Tess 5, 19) (159).

A partir daqui entende-se que a ordem na Igreja deve ser tal a permitir a liberdade. Isso dificulta o governo, pois é mais fácil governar soldadinhos de chumbo do que homens livres, mais fácil comandar um exército de escravos do que cristãos, aos quais é permitido viverem segundo o Espírito que neles se manifesta para a vida da Igreja (160).

A partir daqui entende-se facilmente que surjam tensões entre os portadores de carismas e a hierarquia; e ao longo da história da Igreja os carismáticos sempre foram um elemento de inquietude na vida da Igreja (161), no sentido de revolverem a estagnação e partirem para novas formas de vida evangélica.

Os carismas podem surgir a qualquer momento. O Espírito sopra onde e quando quer. São graças especiais que Deus concede em momentos de modorra, para revitalizar a Igreja e lembrá-la de sua verdadeira missão ou para alcançá-la a mais alta santidade nos momentos de fervor. Como, porém, não podem simplesmente ser desterrados como dons de Deus, estão sujeitos ao exame pelas autoridades do povo de Deus. Mas o que é trágico,

neste exame, é que não se exclui a possibilidade de erro por parte da autoridade; o carisma pode ser supresso (162), pois a autoridade não representa de tal forma a Cristo que o Espírito Santo possa governar e agir na Igreja conforme seus planos.

"A derradeira união entre o cargo e o Espírito deixa de ser orientado, passando a ser o milagre que o Espírito realiza sozinho. O cargo não é senhor do Espírito nem dos seus carismas, antes o seu servo. O homem pecador pode perverter um legítimo carisma que Deus lhe tencione comunicar ou dar, pela teimosia, orgulho ou desobediência, mas também o cargo tem capacidade de tornar-se co-réu de uma tal perversão através da frieza do coração ou da rotina burocrática. Tal cumplicidade — eis-nos diante do terrível círculo vicioso da culpa — pode, por sua vez, ser provocada pela falta do pobre homem ao qual o carisma foi confiado. Ele pode desacreditar diante da autoridade o próprio carisma através da impaciência e do pecado" (163).

Esta situação de impaciência, de inconformidade e tensão leva a pensar numa certa ligação que existe entre carisma e sofrimento.

"Por isso o carisma está sempre ligado com um certo sofrimento.

(159) Cf. SCHMAUS, M., *Der Glaube der Kirche*, volume II, pp. 142-143. Ver também RAHNER, K., *Escritos de Teologia*, VII, Taurus Ediciones, Madrid, 1967, pp. 84-89. (Comentário a "Não extingais o Espírito").

(160) Cf. Idem, p. 65.

(161) "Die Charismatiker sind ein Element der Unruhe im Kirchlichen Leben. Man kann sie die geistlichen Nonkonformisten nennen. Sie sind bis zu einem gewissen Grade mit jenen Christgläubigen Menschen identisch, welche wir die Heiligen im engeren Sinne heissen, insofern unter der Heiligkeit nicht eine im

Inneren des Menschen verbleibende Gesinnung, sondern eine aus dem Innern hervorbrechende, letztlich aus dem Feuer der Liebe hervorstürzende Wirksamkeit verstanden wird. Die "Heiligen" sind weder für ihre Umgebung noch für die gesamte Kirche bequem, denn sie sind die Feinde eines selbstzufriedenen Daseins. Aber gerade deshalb sind sie für das wahre christliche Leben unentbehrlich" SCHMAUS, M., *Der Glaube der Kirche*, volume II, p. 59.

(162) Cf. Idem, p. 122.

(163) RAHNER, Karl, *Novo sacerdócio*, p. 218.

Com efeito, é um sofrimento permanecer dentro do mesmo corpo e cumprir o encargo do próprio carisma, do próprio dom e suportar a reação, em determinadas circunstâncias não menos justificadas da atividade de outro carisma. O próprio dom vê-se, assim, constantemente humilhado e limitado pelo dom do outro. Em determinados casos, inclusive, deve esperar que este dom (do outro) se desenvolva e esperar seu kairós, seu momento oportuno, quando o dom do outro tiver passado ou começado a declinar" (164).

E neste sofrimento suportado paciente e humildemente, sofrimento que acompanha a investidura carismática, Rahner (165) vê um critério de genuinidade do carisma (166). Isto não é válido, quando o carismático, fugindo das dificuldades, procura edificar uma igreja clandestina dentro da Igreja. O verdadeiro carismático não se amargura, pois sabe muito bem que é o mesmo Espírito que infunde a força e suscita a resistência, que é o mesmo Espírito que oferece o vinho inebriante do entusiasmo e o cálice da amargura.

Escrevia linhas acima que o sofrimento suportado paciente e humildemente seria um critério de genuinidade e autenticidade deste carisma. Mas isto não significa que pelo fato de o carisma ter que sofrer contradição, na Igreja, não é prova de que sua missão não

seja genuína; como a Igreja, não só tem o direito mas até o dever de provar os carismas, ela pode, através desta sua incumbência, chegar a destruir a manifestação do carisma em determinada pessoa e em determinada época. O sufocamento do carisma, a recusa de determinada manifestação carismática, por isso, não é critério de inautenticidade (167). Exemplo desta realidade seria a morte dos profetas do A. T., as perseguições do cristianismo, etc.

Por outra parte, "a necessidade interna com que estão ligados, na Igreja, o carisma e o sofrimento, não dá carta branca às autoridades e demais pessoas não carismáticas para mostrar-se irrazoáveis e obstinados contra tais moções carismáticas. As vezes se tem a sensação de que há pessoas na Igreja que, das palavras de Gamaliel nos Atos dos Apóstolos (5, 38): "Se o seu projeto ou sua obra provém dos homens, por si mesmo se destruirá; mas se provier de Deus, não podereis desfazê-la. Vós vos arriscaríeis a entrar em luta contra o próprio Deus", tiram como conclusão que o genuíno espírito se manifesta no fato de nem a oposição mais infundada e maligna o consiga extinguir, e por conseguinte, existe o direito de "examinar" os espíritos da maneira mais grosseira. É certo que na Igreja não é possível extinguir o espírito. Deus responde por ele. Mas é muito possível ao homem,

(164) RAHNER, Karl, *Lo dinámico...*, p. 85.

(165) Cf. RAHNER, Karl, *Lo dinámico...*, p. 86.

(166) Critérios para se saber alguém homem de espírito: 1) não devem ser considerados homens do Espírito os que tudo fazem para brilhar. Cf. Philips, o. c., p. 209. 2) a partir dos

frutos. SCHMAUS, M., *Der Glaube der Kirche*, II, p. 59. 3) O carisma tem um critério de legitimidade no fato de o seu portador permanecer e viver em obediente união com o múnus. Rahner, K., *Lo din.*, p. 86. (167) RAHNER, Karl, *Lo dinámico...*, p. 87 (Cf.).

por sua inércia, por sua indiferença e por sua dureza de coração, extinguir nos outros um verdadeiro espírito. Uma graça não só pode resultar infrutuosa naquele que a recebeu para si mesmo, pela resistência que ele próprio opõe, mas também no caso em que esta graça tenha sido concedida a alguém para o outro (então é *gratia gratis data*, o que se chama de carisma) e em tal caso pode permanecer infrutuoso pela repulsa da parte daquele ao qual tem sido outorgada, embora aquele que a tenha recebido para o outro a tenha acolhido com fidelidade" (168).

Antes de refletir sobre a hierarquia carismática queria explicitar uma série de questões interconexas para as quais ainda não há respostas, ou, apenas, respostas parciais. Poderia iniciar perguntando assim. Como é que os carismas que são graças especiais (L. G., N.º 12) que o Espírito Santo concede de modo totalmente livre (169) e que não são institucionalizadas (170) mas sim acontecimento (170a) podem ser transmitidos a sucessores? Se não são transmissíveis a sucessores, como se explica o carisma da infalibilidade do papa, pois todos os papas se dizem sucessores do primeiro papa da Igreja, Pedro? Ou será que alguns carismas são transmissíveis e outros não? Mas qual é o critério de distinção para saber-se quais são transmissíveis e quais não? Se são transmissíveis, como explicar esta transmissibilidade? A única saída talvez seja a de

apelar, dizendo que a própria vocação para um determinado ministério ou escolha humana traduzir já estas "*gratiae speciales*"! Donde, porém, surge outra pergunta: serão todos os membros da hierarquia carismáticos? Pelo sacramento da ordem é transmitido o *múnus* de governar, de pastorear, etc. Pergunto, então, novamente: será que todos os bispos e sacerdotes são carismáticos neste setor? Se o fossem necessariamente deveriam, de certa forma, ser infalíveis neste *múnus*. Ao fazer-me algumas destas perguntas lembrei-me do grande pecado na Igreja: a política intra-eclesial (não inter-eclesial). Até se tornou proverbial o dito: "*promoveatur ut removeatur*! Será que as "*gratiae speciales*" estão sempre presentes aqui, nestas ações políticas? Será que a graça é joguete de paixões políticas de membros da hierarquia? Será que as graças especiais acompanham o presbítero que se rebela contra o seu bispo ou o bispo que não comunica com o colégio episcopal de um país?

Linhas acima apareceu a possibilidade de a hierarquia poder suprimir o Espírito, pelo menos em casos isolados. Isso, porém, não sucederá de forma global ou total, porque isso significaria a autodestruição da Igreja. Mas ela tem a promessa da perenidade; por isso a própria hierarquia deve estar protegida, de certa forma, pela graça de Deus que impeça esta autodestruição. Por isso o carismático, o "superministerial"

(168) RAHNER, Karl, *Lo dinámico...*, p. 88-89.

(169) PHILIPS, o. c., p. 206 (Cf.).

(170) Cf. PHILIPS, o. c., p. 207.

(170a) Cf. PHILIPS, o. c., p. 209.

forma parte da hierarquia enquanto tal. Em outras palavras diríamos que o ministério hierárquico e seus titulares têm a assistência do Espírito Santo (170b).

Sabe-se que Cristo prometeu e concedeu à hierarquia da Igreja recém-fundada o Espírito. Este haveria de assisti-la até o fim dos tempos. De fato, se isto não tivesse sido garantido, através da promessa, então a Igreja hierárquica poderia rebelar-se contra Deus, a Verdade e a graça de Cristo. E assim ficaria reduzida à condição de sinagoga que enxovalhou a aliança; e não seria mais aquela Igreja contra a qual as portas do inferno não prevalecem (171).

Para que a Igreja seja a Igreja visível dos apóstolos, constituída hierarquicamente, a Igreja da missão, da sucessão do ministério, da palavra escrita, dos sacramentos e do Verbo feito carne é necessário que ela viva do e no Espírito Santo (172). "O Espírito, pois, como legado permanente, deve estar garantido à hierarquia na Igreja. Aos apóstolos e a seus continuadores que dependem deles na sucessão histórica, foi dito que o Senhor permanece com eles todos os dias até a consumação dos tempos. Isto não quer dizer que os homens que ocupam os cargos hierárquicos não sejam capazes de erguer-se contra o Espírito de Deus e renegá-lo; que os membros da Igreja, formada pelos homens enquanto tais e, portanto, por pecadores, não sejam capazes

de converter-se na sinagoga do Anticristo. Tudo isso está situado no terreno da pura possibilidade. Mas, como a graça de Deus não foi, apenas, oferecida aos homens como pura possibilidade, mas também concedida à Igreja como graça vitoriosa, mais poderosa que o pecado, por isso é certo, desde já, por parte de Deus e por parte dele, que a autoridade hierárquica da Igreja não será utilizada pelos homens — embora isto em si seja possível — como arma contra Deus no terreno mais próprio e no essencial. Neste sentido, o ministério hierárquico na Igreja é algo carismático, se por carismático entendemos algo que está em contraste com o meramente institucional, administrável pelos homens, computável, que se pode coibir e conter em leis e normas" (173).

Dentro desta perspectiva o carisma da infalibilidade papal recebe um pouco mais de luz. Mas antes convém observar com Rahner que a teologia da Igreja determinou com sempre maior clareza, quando e em que grau, com que diversos graus de certeza se assegurou ao ministério hierárquico a assistência carismática do Espírito Santo (174).

Todos sabem que o carisma da infalibilidade da autoridade doutrinal do Sumo Pontífice só se verifica em condições muito bem determinadas. E esta infalibilidade serve principalmente para conservar e transmitir a palavra de

(170b) Cf. RAHNER, K., *Lo dinámico...*, p. 48-49.

(171) Cf. RAHNER, K., *Lo dinámico...*, p. 47.

(172) Cf. RAHNER, K., *Lo dinámico...*, p. 47.

(173) RAHNER, K., *Lo dinámico...*, p. 47-48.

(174) Cf. RAHNER, K., *Lo dinámico...*, p. 51.

Deus, continuamente assaltada pela falibilidade humana e pela vanglória humana. Por isso Deus confiou sua palavra a pessoas infalíveis (175). Como o carisma da infalibilidade pontifícia, nem a infalibilidade dos bispos não é preocupação e tema explícito desta reflexão, prefiro remeter o leitor aos comentários da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* N.º 25 (176).

Através destas poucas páginas tentei lançar alguma luz sobre a grande realidade do dom do Espírito à Igreja que age nos membros do Povo de Deus, para continuamente renovar a vida e impedir sua estagnação. Mas devo confessar também que este estudo despertou uma série de interrogações, algumas das quais foram explicitadas outras não e para as quais a reflexão teológica ainda não tem respostas prontas.

Talvez o movimento carismático que despontou, em 1967, possa ajudar a responder a estas perguntas; mas a própria vivência dos dons do Espírito, à semelhança dos cristãos de Corinto, evidencia que o carisma não é concedido apenas em benefício da comunidade mas enriquece o próprio agraciado, aumentando, assim, o fulgor da santidade da Igreja que professamos ser uma Igreja Santa. O cardeal Suenens menciona alguns dos frutos que este movimento carismático está trazendo: "Entre os frutos poderíamos mencionar uma nova relação pessoal (mas não individua-

lista) com Jesus ressuscitado, nosso Senhor e Salvador, presente pelo seu Espírito. A experiência do Espírito Santo opera uma radical conversão interior e uma profunda transformação na vida de muitos. O Espírito Santo se manifesta na vontade de servir e de testemunhar, de pregar o Evangelho em palavras e ações, com aquela manifestação de poder que conduz à fé e a desperta. O poder do Espírito se manifesta exteriormente à Igreja e ao mundo nos diversos ministérios e não é visto exclusivamente visando interiorização e santificação pessoal. A nova relação com Jesus através do Espírito leva muitas vezes à reconciliação de relações interpessoais e matrimoniais abaladas. Apesar de seu caráter profundamente pessoal, esta nova relação com Jesus não é absolutamente coisa particular. Ao contrário, orienta para a comunidade, fomenta novo apreço pela presença de Maria em Pentecostes e por sua relação para com a Igreja. Finalmente, a Renovação se caracteriza por um grande amor à Igreja, estimula e favorece uma leal adesão e obediência à sua estrutura interna, à sua vida sacramental e a seu magistério. A exemplo do movimento bíblico e litúrgico, a Renovação Carismática suscita aquele amor à Igreja que procura para ela uma renovação haurida na própria fonte de sua Vida: a glória do Pai, a soberania do Filho e o poder do Espírito Santo" (177).

(175) SCHMAUS, M., *Der Glaube der Kirche* I, p. 175 (Cf.).

(176) PHILIPS, o. c., p. 381-400 e RAHNER, K. & RATZINGER, H., *Episkopat und Primat* (Quaestiones dispu-

tatae — 11), Herder, Freiburg, 1961, pp. 13-36.

(177) SUENENS, Cardeal, *Orientações teológicas e pastorais da renovação carismática Católica*, p. 8.